

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

FERNANDA JANAN CRUZ RIMOLA

**ADEMAFIA: A INFLUÊNCIA DA PRODUÇÃO DE “CULTURA DE RUA” NA
COMUNIDADE DO SANTO AMARO**

NITERÓI

2024

FERNANDA JANAN CRUZ RIMOLA

**ADEMAFIA: A INFLUÊNCIA DA PRODUÇÃO DE “CULTURA DE RUA” NA
COMUNIDADE DO SANTO AMARO**

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Produção Cultural da
Universidade Federal Fluminense, como
requisito parcial para obtenção do Grau
de Bacharel.

Orientadora:
Neide Aparecida Marinho

NITERÓI

2024

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

R575a Rimola, Fernanda Janan Cruz
ADEMAFIA: A INFLUÊNCIA DA PRODUÇÃO DE ?CULTURA DE RUA? NA
COMUNIDADE DO SANTO AMARO / Fernanda Janan Cruz Rimola. - 2024.
66 f.

Orientador: Neide Aparecida Marinho.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade
Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social,
Niterói, 2024.

1. Cultura de Rua. 2. Coletivos Sociais. 3. Favelização.
4. Ações sociais. 5. Produção intelectual. I. Marinho,
Neide Aparecida, orientadora. II. Universidade Federal
Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III.
Título.

CDD - XXX

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Ao dia **doze de novembro do ano de dois mil e vinte quatro**, às **quinze horas**, realizou-se de forma remota (online), em conformidade com resoluções do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Fluminense - CEPEX/UFF no 637/2022 e 1.59/2022 - a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado **ADEMAFIA: A INFLUÊNCIA DA PRODUÇÃO DE "CULTURA DE RUA" NA COMUNIDADE DO SANTO AMARO**, apresentado por **Fernanda Janan Cruz Rimola**, matrícula **220033057**, sob orientação do(a) **Dra. Neide Aparecida Marinho**. A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

- 1º Membro (Orientador(a)/Presidente): **Dra. Neide Aparecida Marinho**
- 2º Membro: **Dr. Luiz Augusto Fernandes Rodrigues**
- 3º Membro: **Dr. Wallace de Deus Barbosa**
- 4º Membro: **Ademar Lucas do Nascimento Lopes**

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):

X Aprovado

Reprovado

Com nota final após arguição: 10 (dez)

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:

Neide Aparecida
Marinho:51814412620

Assinado de forma digital por Neide
Aparecida Marinho:51814412620
Dados: 2024.11.12 18:39:09 -03'00'

Dra. Neide Aparecida Marinho
Presidente da Banca

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha orientadora, professora Neide Aparecida Marinho, por embarcar comigo neste trabalho tão significativo para minha formação. Sua orientação, paciência e constante incentivo foram fundamentais para que este projeto se concretizasse.

Ao coletivo ADEMAFIA, agradeço por me acolherem e compartilharem suas vivências e experiências. A generosidade do coletivo em dedicar seu tempo e contar suas histórias tornou este estudo possível. Espero que este trabalho possa honrar a trajetória e o impacto de vocês na comunidade.

À minha família e amigos, deixo minha eterna gratidão por acreditarem em meu potencial e oferecerem apoio incondicional em cada etapa. Sem vocês, este trabalho não seria possível.

Agradeço também à cultura de rua e a todos que contribuem para democratizar o acesso à arte e à cultura, tornando possível que tantas histórias e vozes se expressem e, como eu, encontrem o seu lugar.

RESUMO

O trabalho analisará a atuação dos coletivos sociais na produção e promoção do acesso à “cultura de rua” nas comunidades urbanas, a partir do estudo de caso do coletivo ADEMAFIA, que se localiza na favela do Santo Amaro, situada na cidade do Rio de Janeiro. O texto irá abordar a cultura marginalizada, relacionando-a ao fenômeno da favelização, destacando as produções de cultura urbana promovidas pelo coletivo ADEMAFIA como estratégias de resistência nestes contextos periféricos. Entendendo o espaço urbano como espelho das dinâmicas sociais e analisando as práticas cotidianas de promoção de “cultura de rua” do coletivo, o trabalho, por fim, avaliará os impactos resultantes das ações do coletivo na produção artística e de entretenimento cultural para a comunidade em que se insere.

Palavras-chave: Cultura Urbana; Coletivos; ADEMAFIA; Produção Cultural

ABSTRACT

The work will analyze the performance of social collectives in the production and promotion of access to "street culture" in urban communities, based on the case study of the ADEMAFIA collective, which is located in the Santo Amaro favela, located in the city of Rio de Janeiro. The text will address marginalized culture, relating it to the phenomenon of "slumization", highlighting the productions of urban culture promoted by the ADEMAFIA collective as strategies of resistance in these peripheral contexts. Understanding the urban space as a mirror of social dynamics and analyzing the daily practices of promoting "street culture" of the collective, the work, finally, will evaluate the impacts resulting from the actions of the collective in the artistic production and cultural entertainment for the community in which it is inserted.

Keywords: Urban Culture; Collective; ADEMAFIA; Cultural Production

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Distribuição da população em aglomerados subnormais, total e proporção em relação a população total em aglomerados subnormais, segundo as Regiões Metropolitanas.	13
FIGURA 2: Evento de comemoração dos 15 anos do Baile do Ademar no espaço do Circo Voador.....	26
FIGURA 3: Aula de skate infantil no Dia Mundial do Skate, no Santo Amaro.....	28
FIGURA 4: Print da vaquinha “Casa do Paulinho”.....	30
FIGURA 5: Print da vaquinha “Casa do Leon”.....	31
FIGURA 6: Casarão 349 revitalizado.....	32
FIGURA 7: Lançamento Praça da Melhoria.....	33
FIGURA 8: Especial 5 anos de ADEMAFIA.....	34
FIGURA 9: Primeiro episódio “Skate nas Periferias”.....	35
FIGURA 10: Evento ADEMAFIA x Kenner.....	36
FIGURA 11: Instagram do Coletivo.....	37
FIGURA 12: YouTube do Coletivo.....	37

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1- A FAVELIZAÇÃO NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO.....	12
1.1 Espaço Urbano segundo Roberto Lobato.....	14
1.2 A Favelização na Zona Sul: O Caso do Santo Amaro.....	15
2- CULTURA DE RUA x COLETIVOS SOCIAIS.....	18
2.1 O que é cultura urbana ou “cultura de rua”.....	18
2.2 O que são os coletivos sociais e/ou culturais.....	21
2.3 A relação entre os coletivos e a cultura de rua.....	22
3 - ADEMAFIA.....	23
3.1. História e Objetivos.....	23
3.2. Projetos e Atuações.....	25
3.3 Impactos e Desafios.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43

INTRODUÇÃO

A produção cultural nas favelas e periferias urbanas do Brasil emerge como um dos principais instrumentos de resistência das desigualdades sociais. No Rio de Janeiro, especificamente, a favelização é um fenômeno profundamente marcado por processos históricos excludentes. Com isso, os coletivos surgem para assumir um papel crucial na democratização do acesso à cultura.

Esses grupos se organizam para oferecer à comunidade um espaço de expressão e criação que ressignifica a favela, um local tradicionalmente marginalizado, como um cenário de potência criativa. Com isso, este trabalho tem como objetivo o estudo de caso do coletivo ADEMAFIA, localizado na favela do Santo Amaro. Buscamos compreender como ele, por meio da produção e promoção da cultura de rua, pode ser considerado um exemplo de agente de transformação social.

Coletivos como o ADEMAFIA promovem o acesso à cultura, mas também demonstram como os próprios marginalizados se organizam e se movimentam por si mesmos, criando suas próprias oportunidades e desenvolvendo estratégias para enfrentar as barreiras impostas pela exclusão social. A escolha do tema pode ser justificada pelo número expressivo de favelas e comunidades no município do Rio de Janeiro, como também pela relevância e impacto das atuações desses coletivos como ferramentas essenciais de resistência e valorização da cultura urbana periférica.

O primeiro capítulo do trabalho irá explorar o fenômeno da favelização no Rio de Janeiro. A análise começa com o conceito de espaço urbano, desenvolvido por Roberto Lobato Corrêa, onde são expostas as dinâmicas de ocupação e exclusão que resultaram na marginalização das favelas. Essas áreas, que surgiram como soluções de habitação e se tornaram espaço de abandono estatal e violência.

Com isso, a favelização da cidade será abordada, trazendo a falha do Estado em fornecer condições dignas de vida para essas populações, com um foco especial na Zona Sul, região que abriga a favela do Santo Amaro, e nas tensões sociais que se estabelecem nesse

território. Essa parte utilizará das contribuições de Marta do Nascimento Silva, com seu trabalho “A favela como expressão de conflitos no espaço urbano do Rio de Janeiro: o exemplo da zona sul carioca”.

No segundo capítulo, será discutido o conceito de cultura de rua, fenômeno que se caracteriza por expressões artísticas e práticas cotidianas que nascem nos espaços urbanos, que englobam as manifestações como o rap, o grafite, o skate, e diversas outras formas de arte que emergem das periferias.

Em seguida, será abordado o papel dos coletivos culturais, que atuam como facilitadores e organizadores dessas manifestações, promovendo atividades que garantem a visibilidade da cultura de rua e a sua afirmação como uma força criativa e transformadora. Será usado o texto “O Coletivo Fora do Eixo” de Wener da Silva Brasil como base teórica.

Também será analisada a relação entre esses coletivos e a cultura de rua, a partir de Michel de Certeau, onde vamos tentar entender de que forma os coletivos culturais, como o ADEMAFIA, podem funcionar como incentivadores de ressignificação do espaço urbano.

O terceiro capítulo será dedicado ao coletivo ADEMAFIA, um estudo de caso sobre sua origem, seus objetivos e suas principais ações. O coletivo, fundado e liderado por Ademar Lucas, atua na comunidade de Santo Amaro, no Rio de Janeiro. O nome ADEMAFIA surgiu como uma brincadeira, unindo o nome de Ademar à palavra “máfia” em referência ao poder de mobilização e ao espírito de união do grupo.

Inicialmente, era apenas um grupo de amigos reunidos em torno do skate e do rap, mas com o tempo o coletivo se transformou em um instituto voltado a democratizar o acesso à cultura, organizando eventos e projetos que valorizam as expressões artísticas urbanas e o desenvolvimento social da comunidade.

A atuação do ADEMAFIA será examinada a partir de suas realizações, projetos e ações sociais, culturais ou esportivas. Vamos trazer também os desafios, como a escassez de recursos, e as dificuldades impostas pelas condições sociais e econômicas da comunidade. Além disso, será abordado o impacto que o coletivo tem gerado em Santo Amaro e os planos de expansão do coletivo, como seus futuros projetos.

Por fim, as considerações finais retomam as questões centrais do trabalho, propondo uma análise crítica sobre o papel dos coletivos culturais na democratização do acesso à cultura. Ao investigar os resultados que emergiram da pesquisa, iremos analisar o impacto prático das iniciativas culturais do ADEMAFIA na vida da comunidade do Santo Amaro.

Assim, o objetivo final da pesquisa será a compreensão sobre como a cultura de rua, fomentada por coletivos como o ADEMAFIA, pode contribuir para a transformação social em áreas marginalizadas.

1- A FAVELIZAÇÃO NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

De acordo com o Censo Demográfico 2010 do IBGE¹ (os resultados mais recentes publicados pela instituição)², dos 11.425.644 residentes habitando em aglomerados subnormais³ no Brasil, 59,3% (6.780.071) estavam concentrados nas Regiões Metropolitanas do país de São Paulo, Rio de Janeiro, Belém, entre outros.

A Região Metropolitana do Rio de Janeiro é considerada, pelo Censo Demográfico 2010 do IBGE, a segunda área mais representativa desse fenômeno, abrigando 520.260 domicílios ocupados em favelas e comunidades urbanas, sendo que 82% destes domicílios concentram-se no município núcleo da região, a cidade do Rio de Janeiro.

A disposição dessas comunidades não seguiu um planejamento urbano coerente e uniforme, mas sim uma dinâmica marcada por desigualdades sociais, especulação imobiliária e exclusão territorial. A presença de favelas em áreas centrais e periféricas refletiu as tensões entre o desenvolvimento urbano formal e as soluções informais encontradas pelas populações

¹ Resultados disponíveis em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/552/cd_2010_agrn_if.pdf. Acesso em 30 set. 2024

² O Censo Demográfico de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), continua sendo a mais recente base de dados oficial sobre a população brasileira. Embora o Censo seguinte estivesse previsto para 2020, ele foi adiado devido à pandemia de Covid-19 e falta de recursos. Disponível em <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/04/23/sem-orcamento-censo-e-suspenso-mais-uma-vez-entenda-a-importancia-da-pesquisa-e-o-que-acontece-agora.ghtml>. Acesso em: 30 set. 2024

³ Um conjunto constituído de, no mínimo, 51 unidades habitacionais (barracos, casas etc.) carentes, em sua maioria de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e/ou densa.

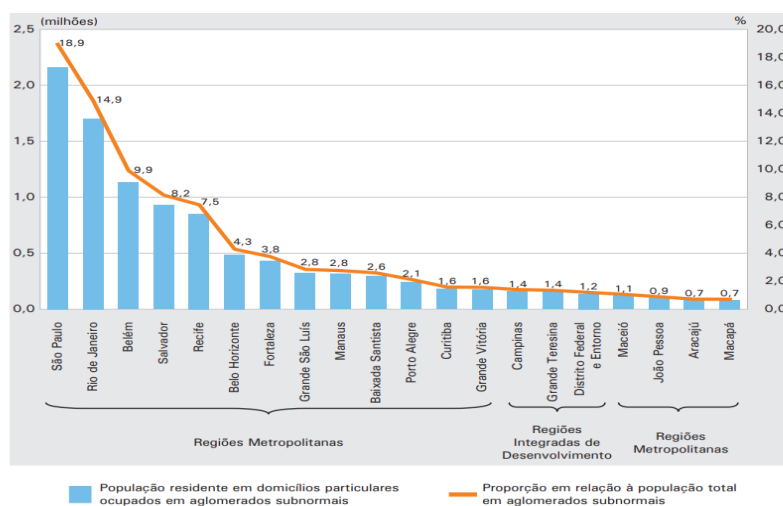
Atualmente são denominados de favelas e comunidades urbanas. Disponível em https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/4823879b95c3b36b71b8b11f6a143d45.pdf. Acesso em: 30 set. 2024

mais vulneráveis. Esses contrastes mostram como o processo de urbanização foi permeado por exclusões e disputas, criando um mosaico urbano que ainda hoje desafia as políticas públicas e as estratégias de planejamento da cidade.

Com isso, este capítulo busca explorar o processo de favelização do Rio de Janeiro sob a ótica geográfica de Roberto Lobato Corrêa, adquirida através do seu livro, “O Espaço Urbano”. A partir dessa perspectiva, o capítulo pretende trazer a conceituação do espaço urbano, esclarecendo o impacto desse processo na favelização do município do Rio de Janeiro.

Por fim, o capítulo trará o foco na favelização na área da Zona Sul do Rio de Janeiro, com ênfase na comunidade do Santo Amaro e sua formação, a partir do texto “A favela como expressão de conflitos no espaço urbano do Rio de Janeiro: o exemplo da zona sul carioca.”

FIGURA 1: Distribuição da população em aglomerados subnormais, total e proporção em relação a população total em aglomerados subnormais, segundo as Regiões Metropolitanas.



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

FONTE: IBGE, Censo Demográfico 2010⁴

⁴ Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/552/cd_2010_agrn_if.pdf>. Acesso em 30 set. 2024

1.1 Espaço Urbano segundo Roberto Lobato

Roberto Lobato Corrêa, em sua obra *O Espaço Urbano* (1989), oferece uma análise sobre o conceito de espaço urbano, destacando como uma configuração geográfica que, ao mesmo tempo, é, também, expressão das dinâmicas sociais e das relações de poder que a permeiam. Segundo o autor, “por ser reflexo social e fragmentado, o espaço urbano, especialmente o da cidade capitalista, é profundamente desigual: a desigualdade constitui-se em característica própria do espaço urbano capitalista” (CORRÊA, 1989, p. 8).

Sob essa ótica, o fenômeno da favelização é visto em nosso país, como produto e também produtor das relações sociais, espelhando e reforçando a divisão socioeconômica que, em nosso país, caracteriza especialmente cidades metropolitanas como a cidade do Rio de Janeiro. Essa configuração desigual é resultado direto da concentração de capital, do controle privado sobre a terra e da falha das políticas públicas em proporcionar uma distribuição igualitária de recursos e infraestrutura.

Para o autor, os diversos agentes sociais que interagem nesse espaço — desde proprietários industriais até os próprios grupos marginalizados — desempenham papéis cruciais na produção e transformação da cidade. Em contrapartida, o espaço também influencia essas interações, perpetuando processos de segregação, como por exemplo a favelização.

No entanto, esse cenário de segregação não surge de maneira espontânea. Ele é, em grande parte, consequência da ação — ou omissão — do Estado, cujas falhas em implementar políticas públicas eficazes têm contribuído para a marginalização de grande parte da população do Rio de Janeiro. A falha do Estado em assegurar direitos básicos⁵, como moradia, educação e lazer, é um dos principais fatores que perpetuam a exclusão social e a desigualdade.

Esse processo não apenas expõe a população a condições de vida precárias, mas também reforça a segregação espacial e a favelização da cidade. Nesse contexto, emerge a

⁵ Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição." Disponível em https://www.google.com/url?q=https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Emendas/Emc/emc26.htm&sa=D&source=docs&ust=1727777640263836&usg=AOvVaw1Nwvcz7BwKteX5isIMX5FT. Acesso em: 30 set. 2024

violência estatal, não apenas como uma consequência da exclusão, mas também como um instrumento de controle e estigmatização.

As áreas periféricas, frequentemente associadas à criminalidade, são alvo de políticas de repressão que, na maioria das vezes, priorizam o uso da força sobre o diálogo. Essa lógica punitiva, aplicada de forma desigual nas favelas e nas comunidades urbanas, revela o fracasso do Estado em garantir a segurança pública como um direito universal, optando, em vez disso, por reforçar estereótipos e aumentar cada vez mais a segregação.

Além disso, as falhas do Estado refletem-se também na marginalização cultural. A cultura popular como o Rap, Funk, entre outras, é associada aos espaços periféricos. Por isso, ocupam uma posição estigmatizada e subalternizada ao não corresponder aos padrões hegemônicos da elite urbana, não seguir as normas criadas.

Neste contexto, os movimentos culturais de arte, política, cultura, como por exemplo os citados antes (o rap, o funk e o skate), são reconfigurados como além de manifestações de expressão, mas também de denúncia das condições de vida nas favelas e de resistência cultural em frente ao poder hegemônico.

1.2 A Favelização na Zona Sul: O Caso do Santo Amaro

“Segundo o Sistema de Assentamento de Baixa Renda (SABREN), sobre a origem da favela Santo Amaro: “a rua Santo Amaro surgiu em 1852, quando as terras da Chácara do Conselheiro Amaro Velho foram parceladas.

Como este parcelamento resultou em lotes estreitos e profundos, os proprietários ocuparam apenas a faixa próxima à rua, deixando toda a parte de encosta vazia, o que propiciou a invasão da área, durante a década de 1940.

Nos anos 1960, já existiam na área cerca de 76 moradias sem luz elétrica. A partir de então, com a chegada dos imigrantes da região Nordeste e do estado de Minas Gerais, a ocupação se consolidou e se estendeu até chegar à conformação atual.” (Retirado do website <Morro Santo Amaro - Dicionário de Favelas Marielle Franco>.)⁶

⁶ Morro Santo Amaro. Disponível em: <[Morro Santo Amaro - Dicionário de Favelas Marielle Franco \(wikifavelas.com.br\)](http://Morro Santo Amaro - Dicionário de Favelas Marielle Franco (wikifavelas.com.br))>. Acesso em: 30 set. 2024

Como visto na citação acima e no texto de mestrado "A Favela como expressão de conflitos no espaço urbano do Rio de Janeiro: o exemplo da Zona Sul carioca" de Marta do Nascimento Silva, a favela do Santo Amaro se origina desde a década de 40. Enquanto o Estado e os agentes imobiliários criavam condições ideais para a ocupação das elites das áreas centrais e da zona sul, com a construção de infraestruturas como estradas, moradias, comércio e linhas de bonde, trabalhadores de baixa renda eram empurrados para regiões periféricas e encostas de morros.

Assim, as primeiras favelas começaram a surgir próximas desses bairros, em encostas ou áreas consideradas menos valorizadas. Essas comunidades servem como moradia para as populações que garantem o funcionamento do cotidiano das classes altas da cidade do Rio de Janeiro da época e continuam até os dias atuais.

A favela do Santo Amaro é um exemplo claro de como o processo de favelização se materializa no espaço urbano. Entretanto, por se localizar próximo às áreas de alta valorização imobiliária, acaba trazendo outro aspecto: a segregação espacial e a contradição urbana presente na Zona Sul.

Localizada em uma das áreas mais valorizadas da cidade, próxima a bairros como Flamengo, Catete e Glória, a favela acaba vivendo de perto o grande contraste social, assistindo de “platéia” o luxo e a modernidade ao seu redor.

Apesar dos desafios impostos por essa marginalização, o Santo Amaro, assim como outras favelas da Zona Sul, tornou-se um centro de resistência e criatividade. A proximidade com os bairros nobres não apenas evidencia a segregação, mas também permite que os moradores dessas áreas marginalizadas interajam de forma direta com a cidade formal, criando uma troca constante de influências culturais.

É nesse ambiente que surge uma potência criativa única, onde a cultura de rua floresce como uma resposta às dificuldades econômicas e sociais. Temos exemplos de fortes iniciativas culturais, que, a partir da mobilização de coletivos e artistas locais, têm utilizado a arte como ferramenta de conscientização e transformação social na favela do Santo Amaro. Em nosso trabalho vamos explorar as ações do coletivo ADEMAFIA, entretanto, temos outros diversos exemplos de atuações na comunidade.

Um exemplo disso é a "Resenha Climática: O Clima É de Arte", evento realizado no Santo Amaro, que adota a cultura como estratégia de combate às mudanças climáticas e ao racismo ambiental (RioOnWatch, 2024)⁷. Organizado pelo coletivo Coalizão O Clima é de Mudança, com ajuda e apoio de outros coletivos e movimentos da comunidade do Santo Amaro, o evento busca aproximar as comunidades de pautas ambientais através de expressões artísticas, como batalhas de rap, desfiles sustentáveis e exposições artísticas.

As favelas, ao longo dos anos, passaram de simples fornecedoras de mão de obra para centros de referência em produção cultural e artística. No Santo Amaro, isso tem se manifestado fortemente, principalmente nos últimos 10 anos, com a ascensão do rap, do funk e do skate, expressões jovens e de origem periféricas.

Mesmo diante da precariedade de infraestrutura e dos frequentes desafios impostos pela exclusão urbana, essas expressões culturais são criadas para oferecer não apenas um caminho para que os moradores afirmem sua identidade, mas também uma plataforma de resistência ativa. Com isso, os moradores reivindicam seu direito legítimo ao espaço público.

Ao ocupar e revitalizar praças, ruas e becos com manifestações artísticas como o grafite, o rap, o skate e outras formas de cultura de rua, os moradores transformam esses espaços, que muitas vezes são vistos como marginais ou invisíveis pelo poder público, em cenários de protagonismo.

A comunidade do Santo Amaro, está longe de ser apenas um espaço de carências, a partir de diversas ações coletivas se tornou um polo também de inovação artística, cultural e, também, digital, gerando talentos e projetos que ganham reconhecimento tanto dentro quanto fora de suas fronteiras. Movimentos como a Roda Cultural Santo Amaro, que promove e apoia a cena hip hop, a Galeria 2050⁸, o coletivo ADEMAFIA, entre outros, são apenas um dos exemplos da potencialidade criativa da comunidade frente aos desafios e à marginalização.

⁷ Disponível em <<https://rioonwatch.org.br/?p=73933>>. Acesso em: 30 set. 2024

⁸ Começou como um laboratório onde reúnem tecnologia e inovação, desenvolvendo projetos de realidade aumentada, realidade virtual, produção audiovisual, impressão 3D, inteligência artificial, metaverso e NFTs. Ele está localizado no Morro Santo Amaro, no Rio de Janeiro e recentemente, inauguraram uma galeria de artes (plásticas e digitais), que ficou conhecida como Galeria 2050. Disponível em <[2050 – Revista Humanos](#)>. Acesso em: 30 set. 2024

2- CULTURA DE RUA x COLETIVOS SOCIAIS

Este capítulo vai explorar a cultura de rua e sua relação com os coletivos culturais, apresentando como essas práticas emergem no espaço urbano e refletem as dinâmicas de resistência e subversão frente às estruturas dominantes.

Na primeira parte, será abordado o que é a cultura de rua, sua conceituação, como ela se manifesta e quais são suas principais formas de expressão. Em seguida, será discutido o que são os coletivos, pela perspectiva de Werner da Silva Brasil, por que eles existem e como se organizam.

Por fim, será analisada a relação entre cultura de rua e os coletivos, utilizando a perspectiva de Michel de Certeau sobre práticas cotidianas como táticas de resistência ao analisar as manifestações e expressões urbanas.

2.1 O que é cultura urbana ou “cultura de rua”

A cultura urbana, ou "cultura de rua", como vamos estar denominando no trabalho, é composta pelas diversas formas de manifestações e expressões culturais populares, que, geralmente, são respostas diretas às condições de vida adversas, à exclusão social e às dinâmicas de desigualdade que caracterizam as grandes cidades, particularmente em áreas periféricas.

A rua, o espaço público, para muitos, torna-se o palco central de suas vivências e um espaço de criação, resistência e subversão frente às estruturas dominantes e a marginalização vivida. De acordo com a nossa entrevista com Ademar Lucas, liderança do coletivo ADEMAFIA, o produtor ressalta que "a rua é onde tudo acontece", destacando a ideia de que o espaço urbano, além de ser um local de trânsito e circulação, é também um ambiente de encontro, troca e criação cultural genuína. Para ele, a vivência na rua e no morro permite que as pessoas desenvolvam interpretações únicas da realidade, criando algo autêntico e com forte identidade local.

A cultura de rua vai englobar diversificadas manifestações como o rap, o funk, o skate, o grafite e outras formas de arte que emergem das vivências cotidianas de quem ocupa esses espaços. São práticas culturais que, muitas vezes, não encontram lugar nas instituições culturais formais, sendo vistas com desconfiança ou marginalizadas pelas elites culturais. Contudo, essas manifestações refletem diretamente a realidade das populações que as produzem.

Entre as expressões mais comuns, o rap se destaca como uma ferramenta poderosa de comunicação e resistência. Nascido nas periferias e favelas, ele dá voz às injustiças sociais, à violência policial, ao racismo e à exclusão que marcam a vida de muitos jovens negros e pobres. Suas letras carregam o peso das experiências vividas nas ruas, traduzindo as frustrações e anseios de quem é invisibilizado pela sociedade.

Atualmente, essa expressão musical tem ganhado cada vez mais popularidade com os jovens, trazendo uma nova forma de se enxergar a favela e seus moradores, ajudando a ascender economicamente muitos artistas negros e periféricos.

No Morro do Santo Amaro, temos como exemplo alguns artistas, como o Filipe Ret, grande artista brasileiro de rap, que morava na subida da comunidade⁹, onde a partir do grafite, do skate e do rap se encontrou não só profissionalmente mas também conseguiu trazer para si e para os próximos uma vida melhor.

Podemos citar outros que conviveram fortemente com toda a produção cultural da favela e seus arredores, como, por exemplo, Marcelo D2 e seu filho Sain, ambos rappers famosos da cena carioca que moraram no Catete e convivem até hoje com a comunidade. Ambos os rappers trazem em suas letras a realidade da vivência marginalizada, mas também a potência das criações da favela, a emancipação da comunidade e sua resistência.

O grafite, por outro lado, transforma as paredes e os muros da cidade em telas de arte pública, ressignificando o espaço urbano. Essas obras visuais, além de estéticas, muitas vezes carregam mensagens políticas e sociais, questionando a ordem estabelecida e reivindicando o direito à cidade. Temos fortes exemplos artísticos na comunidade do Santo Amaro, como o

⁹ Entrevista com Filipe Ret, Marcelo D2 sobre o TTK. Disponível em <<https://www.vice.com/pt/article/uma-historia-oral-do-ttk-2/#:~:text=O%20TTK,%20como%20%C3%A9%20f%20alado%20o>>. Acesso em 30 set. 2024

Kajaman, que soma sempre na revitalização e sempre ressignifica o espaço com suas artes coloridas e vívidas.

O skate também é um símbolo de apropriação do espaço urbano. Os jovens skatistas subvertem o uso convencional das calçadas, praças e monumentos, criando um campo de prática esportiva e artística. Para eles, a rua é um espaço de liberdade, onde podem experimentar novas formas de se expressar e interagir. O exemplo mais forte que temos é o Ademar Lucas, que a partir do skate mudou completamente sua vida e dos que lhe cercam, ao criar o coletivo ADEMAFIA.

Os bailes funk, por sua vez, reúnem multidões, oferecendo não apenas uma forma de diversão, mas também um espaço de socialização e celebração cultural. Assim como o rap e o grafite, o funk carrega em suas batidas e letras a realidade das comunidades que o produzem, sendo uma forma de expressão da resistência à marginalização. Na favela do Santo Amaro, por exemplo, o baile funk tem sua origem em meados dos anos 70/80¹⁰, e segue sendo um exemplo de baile no Rio de Janeiro até hoje.

Portanto, a cultura de rua pode ser considerada o conjunto de manifestações artísticas e/ou culturais que reflete as tensões, os desafios e as aspirações das populações urbanas marginalizadas. Esses grupos, embora frequentemente excluídos, utilizam as ruas e os espaços públicos para criar e afirmar suas próprias narrativas, onde a cultura de rua se torna uma arma para romper com as barreiras impostas pela desigualdade e pela falta de oportunidades.

¹⁰ História do funk. Disponível em: <<https://culturanf.com.br/descubra-a-fascinante-evolucao-do-funk-carioca/#:~:text=O%20funk%20carioca%20tve%20origem%20nos>>. Acesso em: 03 out. 2024

2.2 O que são os coletivos sociais e/ou culturais

Como evidenciado por Wener da Silva Brasil em “O Coletivo Fora do Eixo: Juventude Organizada, Produção, Circulação e Consumo Cultural.” os coletivos sociais e culturais podem ser conceituados como “um grupo de pessoas que exploram interesses em comum e articulam ações de forma estratégica, fazendo circular informação, cultura, economia, política, saberes e práticas”. (BRASIL, p. 15).

Esses grupos são organizados, muitas vezes, de maneira informal e horizontal, e se unem para promover ações de impacto social e cultural, operando com a lógica de autogestão e colaboração, sem coligação ou parcerias estatais e/ou privadas.

A origem dos coletivos está ligada à necessidade de criar novas formas de produção e promoção cultural em áreas onde o acesso a equipamentos culturais formais é escasso ou inexistente. As instituições tradicionais muitas vezes ignoram as demandas culturais das periferias, e é nesse vácuo que os coletivos se organizam para promover eventos, oficinas, shows e exposições que dão visibilidade às expressões culturais locais e criam oportunidades para os jovens e moradores dessas áreas.

Os coletivos, portanto, funcionam como redes de resistência, oferecendo alternativas ao circuito hegemônico da arte e cultura. Além disso, muitos coletivos também podem desempenhar um papel político ao organizar movimentos de resistência e articulação comunitária, reivindicando o direito à cultura e à cidade.

Wener propõe que os coletivos culturais se diferenciam das estruturas tradicionais de sindicatos ou partidos por sua organização horizontal, em rede, e pela adoção de estratégias de ação temporárias e colaborativas. Combinando arte e ativismo, muitos desses grupos operam tanto no espaço físico quanto no virtual, utilizando as redes sociais para disseminar suas ideias e conectar lutas locais com movimentos globais de resistência.

2.3 A relação entre os coletivos e a cultura de rua

A relação entre os coletivos culturais e a cultura de rua pode ser compreendida a partir das ideias de Michel de Certeau em “A Invenção do Cotidiano”, especialmente no que diz respeito às “práticas cotidianas”. Para o autor, os indivíduos e grupos subvertem as estruturas de poder e as normas dominantes por meio de ações aparentemente simples, mas que, no contexto do espaço urbano, têm um significado profundo de resistência.

O autor chama essas ações de “táticas”, que nesse caso podem ser consideradas formas de apropriação e ressignificação do espaço cotidiano, desafiando o controle institucional. Essas práticas cotidianas podem ser consideradas como trabalhos diários, promovidos por um indivíduo ou grupo, para que se alcance algum objetivo ou que cesse alguma falta.

Os coletivos de cultura de rua exemplificam as táticas descritas por Certeau ao ocuparem espaços urbanos de forma criativa, muitas vezes subvertendo os usos tradicionais desses locais. Eles transformam áreas marginalizadas em territórios de produção cultural e de expressão, criando novas formas de interação e resistência.

A favelização, por exemplo, pode ser vista como uma estratégia do Estado, que, ao falhar em implementar políticas públicas eficazes, perpetua a marginalização e a exclusão social. Dessa forma, enquanto a favelização é um plano de controle e exclusão, a ação dos coletivos é uma tática de resistência e afirmação cultural, promovendo a autonomia e a criatividade nas comunidades marginalizadas.

No caso do ADEMAFIA e das práticas suas cotidianas, o coletivo acabou transformando o espaço urbano em um ambiente de empoderamento e criação coletiva. As batalhas de rap e as aulas de skate, por exemplo, não são apenas um entretenimento, mas uma forma de expressão que permite aos jovens desenvolverem suas habilidades e construir uma identidade que valoriza suas origens e sua cultura. Essas ações diárias ressignificam a favela, transformando-a de um espaço de exclusão para um local de potência criativa.

3 - ADEMAFIA

Pelas ruas, vias e guetos por onde se vai, uma mesma frase ressoa: "ADEMAFIA CARAI!"

Ademafia é um elo. Um gesto, nosso gesto, nosso meio de expressão.

Ademafia representa a força do skate praticada na essência: pura diversão, irmandade, alegria e algumas tricks.

Tudo começou em Santo Amaro, uma das centenas de comunidades do Rio de Janeiro.

A ideia era mostrar a cena local, mas em pouco tempo o movimento ganhou força e hoje é possível escutar nos principais picos de skate do Brasil e do mundo um mesmo grito: ADEMAFIA CARAI. (Retirado do website do ADEMAFIA na aba: “Quem Somos” <https://www.ademafia.com/ademafia/>)

3.1. História e Objetivos

O ADEMAFIA foi criado, inicialmente, no ano de 2014, a partir do canal de vlogs na plataforma de vídeos, Youtube. Ainda que sua criação como canal tenha ocorrido em 2014, o grupo teve suas raízes plantadas muito antes, em 2013, como um grupo de amigos jovens que eram moradores do Santo Amaro e outras comunidades, mas possuíam algo em comum: amor pelo skate e pela cultura de rua.

Na praça XV, localizada na cidade do Rio de Janeiro, no primeiro momento de criação do coletivo a ideia era apenas de documentar as experiências surgidas naturalmente, refletindo o cotidiano da comunidade e a realidade das ruas. O nome "ADEMAFIA" combina o nome de Ademar com a palavra "máfia", simbolizando a união e coletividade dos jovens skatistas, como “Luquinhas” (como é chamado carinhosamente pelos amigos), que se uniam naquele espaço com paixões e vivências em comum.

Com o tempo, o canal no YouTube, lançado em 2014, tornou-se uma importante plataforma para mostrar o universo do skate e da cultura de rua, rapidamente ganhando popularidade na cena carioca, e, na cena internacional do skate.

Desde o início, o coletivo pretendia mostrar uma perspectiva autêntica e única da realidade urbana, onde o skate e a cultura da comunidade se encontravam de forma vibrante.

Ademar, que inicialmente não queria que o ADEMAFIA fosse visto como uma marca, mas sim como um movimento, optou por focar na criação de conteúdo que refletisse a realidade dos skatistas e da vida na favela, evitando a comercialização prematura e mantendo o espírito do grupo como uma força comunitária e cultural.

Esse compromisso com a autenticidade, junto com a visão de usar o skate e o audiovisual como ferramentas de transformação social, ajudaram a consolidar o ADEMAFIA como um movimento influente e relevante não só na cena do skate, mas abrangendo agora também a cena cultural carioca.

A partir da sua criação, o coletivo nunca mais parou, como evidenciado na nossa entrevista com o Ademar Lucas. A organização foi se ampliando e tomando uma certa formalidade, ao abrirem um CNPJ, e em 2020, passou a ter um novo braço, um novo pilar de ação: o Instituto ADEMAFIA de Cultura e Esporte (IACE).

Esse novo pilar teria como foco específico as atividades sociais do coletivo com as crianças e jovens, trazendo cursos de formação, passeios e aulas de skate (conhecidos como a “Tropinha do S.A.”). Como dito pelo organizador do coletivo (Ademar Lucas), “O social sempre fez parte do ADEMAFIA, tá ligado? Com a importância que hoje existe um braço pra isso. Então eu considero o ADEMAFIA, tipo, várias, né? Uma estrutura... São várias estruturas, assim, a ADEMAFIA, né?”.

O objetivo principal do Instituto, atualmente, é atender às demandas dos moradores do Santo Amaro quanto ao desprezo do estado em relação às atividades de lazer, esporte e cultura, possibilitando, assim, a criação de perspectivas para a comunidade e na sua relação com a sociedade.

Com atuações, principalmente, para e com as crianças e jovens da comunidade, o objetivo central é iniciar nelas o processo de orientação e cuidado, guiando-as para um caminho de desenvolvimento, com acesso a direitos e oportunidades. Quando uma criança cresce e, apesar dos desafios impostos pela favela, consegue realizar seus sonhos e alcançar melhores condições de vida, ela se torna um exemplo vivo para inspirar as futuras gerações a enxergarem novas possibilidades.

A intenção tática e estratégica do coletivo, portanto, é a procura da transformação da comunidade, seja pela revitalização, seja pelas ações sociais. O grupo visa uma futura

mudança do sistema por meio da ampliação das perspectivas da juventude local. Como dito por Ademar, eles buscam sempre: “A melhoria, melhoria, melhoria, melhoria, melhoria, melhoria, melhoria, melhoria, melhoria. Era nosso mantra”.

O canal do Youtube do ADEMAFIA já possui, atualmente, 768 vídeos postados e 191 mil inscritos, sendo uma importante imagem influente da cena do skate e cultura carioca. A websérie "Adelife", em particular, desempenha um papel significativo ao apresentar ao público as personalidades envolvidas e seu cotidiano. O projeto também apresenta as dificuldades vividas na comunidade, como também as formas que desenvolveram para resolvê-las.

Além disso, a conta do @ADEMAFIA na rede social Instagram já possui 131 mil seguidores, enquanto a do @InstitutoADEMAFIA já tem 15 mil. Nesse contexto, a internet e as redes sociais desempenham um papel fundamental, sendo ferramentas essenciais para a trajetória e divulgação do ADEMAFIA e das suas ações. Atualmente, o coletivo foi estabilizado, também, como marca, vendendo produtos como camisas e bonés que representam o coletivo e a favela que se inserem.

3.2. Projetos e Atuações

A atuação do coletivo e Instituto ADEMAFIA na favela do Santo Amaro é marcada por um contínuo engajamento em projetos que promovem, principalmente, a cultura de rua e o desenvolvimento local. Desde suas primeiras iniciativas até os dias atuais, o coletivo tem sido um pilar na transformação da comunidade, seja através do incentivo ao skate, seja pela realização de eventos culturais e oficinas, ou pelo fortalecimento da economia.

Entre diversas atuações e projetos, uma das maiores conquistas do coletivo é a sua formalização no Instituto ADEMAFIA de Cultura e Esporte, durante a pandemia, o que ampliou a capacidade de atuação e permitiu abraçar causas maiores e alcançar um público mais amplo. Atualmente, o coletivo pode ser considerado não só como um grupo de movimentação cultural, mas também uma Instituição ou Organização da Sociedade Civil (OSC).

Um dos primeiros projetos de destaque foi o Baile do Ademar, que começou antes mesmo da existência do coletivo, quando Ademar Lucas tinha apenas 18 anos. Desde então, se tornou um ponto de encontro e integração para os moradores do Santo Amaro.

Com várias edições durante os anos e acontecendo em diversos espaços, não só na comunidade do Santo Amaro, o baile se tornou um sucesso nas redes. Em abril de 2024 o evento fez 15 anos, comemorando no espaço do Circo Voador, com presenças ilustres do cenário do rap como Akira Presidente, Sain, Filipe Ret, Bk, entre outros convidados.

Também houve uma comemoração em São Paulo, com mais um evento do Baile do Ademar para celebrar a cultura de rua, mostrando o tamanho do alcance do coletivo para além da sua comunidade. Esses bailes serviam e servem até hoje para mobilizar a juventude e promover a cultura hip hop, envolvendo música, grafite e outras manifestações artísticas.

FIGURA 2: Evento de comemoração dos 15 anos do Baile do Ademar no espaço do Circo Voador



FONTE: Página do Ademar Lucas no Instagram¹¹

Um marco importante foi a construção de uma “pista de skate” (construíram rampinhas, levaram corrimões, tudo improvisado pelo coletivo), na favela do Santo Amaro no dia mundial do Skate (21 de junho) de 2024. O evento conhecido como “AdemafiaSkateFest”¹² mostrou o empoderamento comunitário e a autossuficiência dos moradores.

O evento teve a presença do Estado, com uma operação policial ocorrendo no mesmo momento. Apesar dos fuzis, dos carros blindados, o evento ocorreu com toda alegria e as crianças e jovens conseguiram aproveitar a pista e o skate na sua essência.

A pista de skate não apenas proporcionou um local seguro e adequado para que os jovens pudessem praticar o esporte, mas também se tornou um ponto de encontro e convivência, onde a cultura do skate pôde se desenvolver plenamente.

Esse espaço foi além da prática esportiva, criando um ambiente fértil para a integração de diversas expressões culturais da comunidade, como o grafite, o hip hop e outras formas de arte urbana. A pista se transformou em um símbolo de resistência e expressão, onde as diferentes manifestações culturais coexistem, promovendo um intercâmbio entre os jovens, artistas e moradores da comunidade.

¹² Disponível em: <[\(229\) ADEMAFIA SKATE FEST - Go Skateboarding Day 2024 - YouTube](#)>. Acesso em 03 out. 2024

FIGURA 3: Aula de skate infantil no Dia Mundial do Skate, no Santo Amaro



FONTE: Página do Coletivo ADEMAFIA no Instagram¹³

Além disso, no dia 11 de setembro de 2021, o coletivo ADEMAFIA promoveu um evento marcante na comunidade, as chamadas “Olimpíadas do Santo Amaro”, que incluíram uma série de atividades recreativas e esportivas voltadas para o entretenimento e desenvolvimento das crianças e adolescentes da região.

Com o objetivo de promover a integração comunitária e oferecer um dia de diversão e aprendizado, o evento contou com o apoio da marca Converse, em uma parceria que envolveu o coletivo e os próprios moradores da favela. Essa iniciativa se destacou não apenas pela sua capacidade de envolver jovens da comunidade, mas também por reforçar a importância da prática esportiva e da cultura de rua como ferramentas de transformação social.

No vídeo “OLIMPIADAS DO SANTO AMARO - ADELIFE #291”¹⁴, eles relatam o acontecimento e demonstram com criatividade mais uma vez que a cultura de rua é um

¹³

Disponível em: <
<https://www.instagram.com/p/C97m3Xyuu2N/?igsh=MTM0dm50NDNjZ2xoMA==>>. Acesso em 30 set. 2024

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E8dG24ds2Ck>. Acesso em 30 set. 2024

importante aliado contra à marginalização. No final do evento foram entregues medalhas às crianças e jovens que participaram da ação.

Outro ponto crucial da trajetória do coletivo foram as organizações de campanhas de arrecadação, seja de dinheiro ou de alimentos, durante a pandemia de COVID-19 em 2020. O grupo, que a partir desse momento criou outro braço, o Instituto, começou a focar na distribuição de alimentos e no atendimento das famílias mais carentes, o que acabou ganhando escala e se expandindo para além da favela do Santo Amaro.

O coletivo ADEMAFIA também esteve à frente de iniciativas sociais como a vaquinha (campanha de arrecadação de fundos) para a reconstrução da casa de Paulo César Adão, conhecido carinhosamente na comunidade do Santo Amaro como Paulinho. Após perder sua moradia em um incêndio, Paulinho, um senhor que é uma figura bastante querida e respeitada pela comunidade, encontrou no coletivo um apoio fundamental para reerguer sua vida.

A mobilização foi um exemplo notável de solidariedade e colaboração, envolvendo não apenas os membros do coletivo, mas também moradores da comunidade e pessoas de fora, que se uniram para ajudar. Essa ação não apenas garantiu a reconstrução física da casa de Paulinho, mas também reforçou o senso de pertencimento e de apoio mútuo que caracteriza as iniciativas do ADEMAFIA.

Esse foi um exemplo de mobilização em prol de causas coletivas. Este tipo de ação comunitária se repetiu diversas vezes, mostrando a capacidade do ADEMAFIA de agir em prol do bem-estar dos moradores do Santo Amaro.

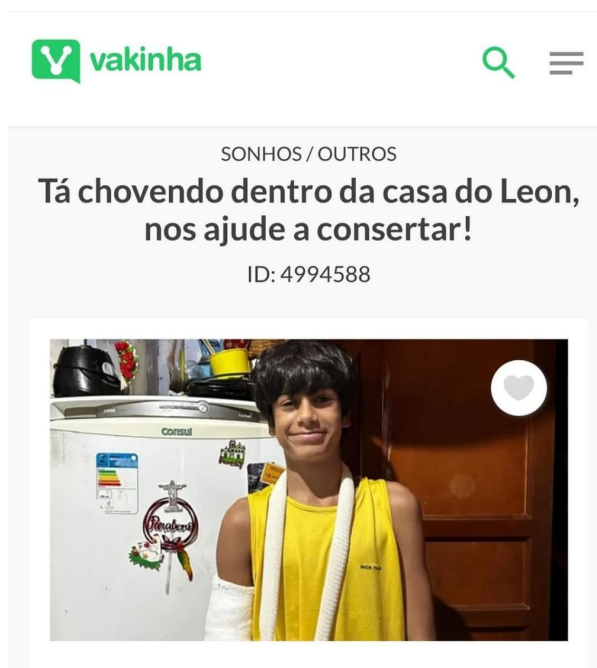
FIGURA 4: Print da vaquinha “Casa do Paulinho”

FONTE: Instagram do Coletivo ADEMAFIA no Instagram¹⁵

Além da casa do Paulinho, atualmente o grupo está levando uma vaquinha para revitalizar a casa de um dos alunos do Instituto, Leon. Devido às chuvas intensas e falta de recursos para manutenção, parte da estrutura do teto foi comprometida, estragando diversos móveis e objetos da casa.

Com isso, o coletivo se uniu para levantar o dinheiro da manutenção com a vaquinha, e, também, buscando a colaboração de mão de obra dos próprios moradores da comunidade e também de fora. Até o momento já alcançaram 60% do valor necessário para a revitalização, mas enquanto não conseguem o valor total, o coletivo e os moradores já começaram a realizar um mutirão de limpeza do espaço, para adiantar o processo de revitalização da casa.

¹⁵ Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CNBDjvynwMa/?igsh=djMxam93bmN2aTA0>>. Acesso em 30 set. 2024

FIGURA 5: Print da vaquinha “Casa do Leon”

FONTE: Instagram do Coletivo Ademafia no Instagram¹⁶

Seguindo com os projetos, temos dois focados especificamente nas crianças criadas pelo Instituto: o Kids Day De Cria¹⁷ e a Ação de Páscoa. O Kids Days foi realizado em 13/10 de 2022, próximo ao feriado nacional do dia das crianças. O evento contou com um dia de oficinas, música, comidas, presentes, tudo para a criançada. A ideia pôde ser realizada a partir de doações chamadas de "apadrinhamento", que funcionavam com a doação de um valor específico, no caso R\$70, por criança.

Já a Ação de Páscoa¹⁸, foi realizada no dia 14/04 de 2022 e constituía na distribuição de chocolate para as crianças do Instituto e da comunidade. Todo o projeto só pode ser realizado graças à movimentação do coletivo, onde os próprios participantes se juntaram para levantar a ação, seja financeiramente ou participando na hora do evento.

Outro projeto foi a revitalização da pintura do “Casarão do Santo Amaro”, localizado na rua do Santo Amaro, 349. Esse espaço recebe projetos importantes como aulas de capoeira

¹⁶ Disponível em <<https://www.instagram.com/p/C-Gj6e8yhCU/?igsh=NDg0NnpncWtmZHA1>>. Acesso em 30 set. 2024

¹⁷ Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CjBMZSGrdXQ/?igsh=MXc4N3B5MzAzdjdyag==>>. Acesso em 30 set. 2024

¹⁸ Disponível em <<https://www.instagram.com/reel/CcbAtDDJqp7/?igsh=YXR3Y2h1bHdjXjI>>. Acesso em 30 set. 2024

e artes marciais. O coletivo, com ajuda da associação dos moradores, trouxe diversos artistas para darem uma nova cara ao casarão, valorizando mais um espaço histórico da comunidade. O casarão é muito importante para a favela do Santo Amaro, ao proporcionar um espaço de encontro e de pertencimento na comunidade.

FIGURA 6: Casarão 349 revitalizado



FONTE: Instagram do Ademar Lucas no Instagram¹⁹

Mais um exemplo de suas atuações é a criação da Praça da Melhoria, localizada na Rua Pedro Américo, uma das ruas principais para entrar na comunidade do Santo Amaro. Com a colaboração da prefeitura, o coletivo conseguiu que a praça fosse completamente revitalizada. Renovaram as paredes e o chão da praça para que a partir da revitalização, possam avançar para o desenvolvimento sociocultural do espaço.

¹⁹ Disponível em <<https://www.instagram.com/p/C9JFiGIsDOd/?igsh=MTB2NXFzcjR2bXJvdA==>>. Acesso em 30 set. 2024

Os planos incluem aulas e oficinas, como também rodas de cultura e apresentações musicais. As oportunidades do espaço são infinitas, desde uma simples brincadeira a uma aula técnica de fotografia, o espaço vai sendo utilizado e ganhando vida.

FIGURA 7: Lançamento Praça da Melhoria



FONTE: Instagram do Ademar Lucas no Instagram²⁰

O coletivo também está muito presente nos projetos audiovisuais, seja em seu canal ADEMAFIA no Youtube, ou em séries e documentários produzidos sobre o grupo. Um exemplo dessas atuações é o documentário de 2019 do Canal OFF “5 Anos de ADEMAFIA” que foca na história do coletivo, trazendo visibilidade ao estilo de vida e projetos relacionados à cultura de rua. O documentário pode ser assistido na plataforma de streaming Globoplay²¹.

O projeto levou o Ademar Lucas e alguns de seus parceiros da comunidade para viajar internacionalmente para Barcelona. Esse feito pode não ser considerado uma atuação social

²⁰ Disponível em <<https://www.instagram.com/reel/C893fv9uIPG/?igsh=aThkc3pxajU2NjZk>>. Acesso em 30 set. 2024

²¹ Disponível em <[5 Anos de Ademafia: assista agora! \(globo.com\)](#)>. Acesso em 30 set. 2024

do coletivo mas traz imensas possibilidades e benefícios para a comunidade. A oportunidade de viajar para outro país a partir do skate, das ações realizadas pelo coletivo, e, principalmente, pela visibilidade ganha nos últimos anos, só evidencia cada vez mais a relevância do coletivo e de seu potencial futuro.

FIGURA 8: Especial 5 anos de ADEMAFIA



FONTE: Instagram do Coletivo ADEMAFIA no Instagram²²

Outro projeto do Canal OFF com o coletivo é a série “Skate nas Periferias”, onde o Ademar Lucas visita projetos sociais pela América do Sul que envolvam o skate como ferramenta de transformação, trazendo aprendizados para o próprio coletivo ADEMAFIA e a visibilidade desses projetos. Isso evidencia o que foi dito pelo Luquinhas na nossa entrevista,

²² Disponível em <<https://www.instagram.com/reel/C8IPU-lpl4y/?igsh=YXlvNjRhTcTN6djIz>>. Acesso em 30 set. 2024

“Então a gente com a prática, com o tempo, tá inspirando gente dentro da comunidade, fora, e a gente sai, circula, se conecta, e se inspira no corre dos outros também. “

FIGURA 9: Primeiro episódio “Skate nas Periferias”



FONTE: Instagram do Coletivo Ademaafia no Instagram²³

Além disso, com a colaboração da marca Kenner, o coletivo conseguiu trazer oficinas diversas para a juventude da comunidade, como por exemplo, oficinas de produção, design de produtos, fotografia e marketing. As crianças e adolescentes do Santo Amaro tiveram a oportunidade de aprender técnicas e conceitos importantes em cada uma das áreas de forma gratuita e colaborativa.

²³

Disponível em <https://www.instagram.com/p/C9WDqwEM04A/?igsh=MXJmaGJrZ3AzMWd0Zw==>. Acesso em 30 set. 2024

FIGURA 10: Evento ADEMAFIA x Kenner

FONTE: Instagram do Coletivo ADEMAFIA no Instagram²⁴

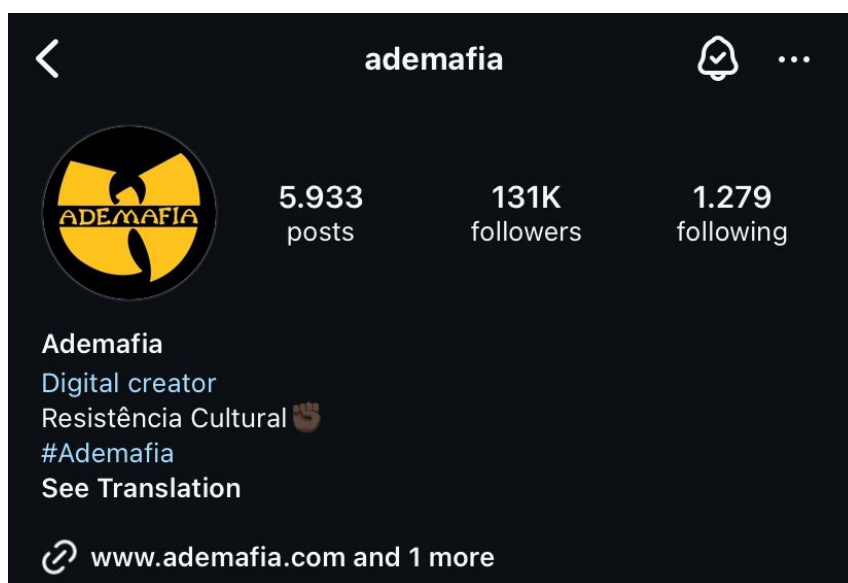
Para alcançar seus objetivos e realizar ações cada vez mais poderosas, as redes sociais têm sido fundamentais. Inicialmente, o canal no YouTube serviu como uma plataforma para compartilhar o cotidiano do coletivo, com vídeos que capturavam não apenas as manobras de skate, mas também a vida na favela do Santo Amaro. Com o passar do tempo, essa presença online se expandiu para o Instagram, onde o coletivo utiliza a ferramenta para divulgar campanhas, arrecadar fundos através de vaquinhas, e compartilhar fotos de eventos e projetos.

Atualmente, essa interação digital não apenas ampliou o alcance das ações do ADEMAFIA, mas também criou uma comunidade engajada que se conecta e apoia as iniciativas culturais e sociais do grupo. No Instagram, por exemplo, a conta “@ADEMAFIA” tem 131 mil seguidores e mais de 5 mil publicações de projetos, ações, colaborações, entre outros. Já a do instituto, possui 15 mil seguidores e compartilham vídeos das aulas, dos encontros de conversas e muito mais.

²⁴ Disponível em <https://www.instagram.com/reel/C7mKimJOreJ/?igsh=MTVweXdwbGh3OXFibA==>. Acesso em 30 set. 2024

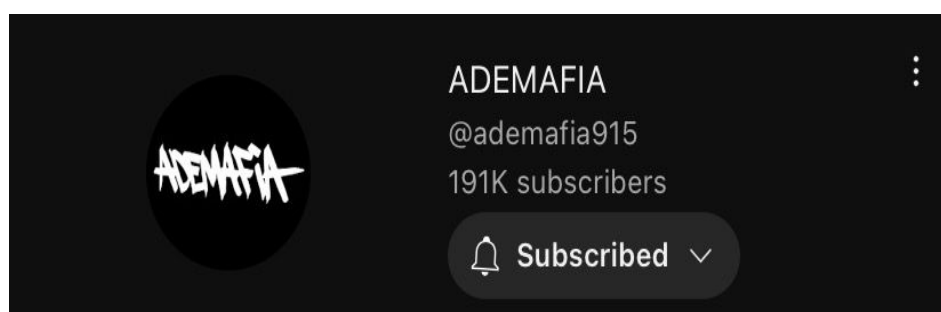
As redes sociais, nesse contexto, permitiram que a cultura de rua fosse celebrada e reconhecida, promovendo um espaço de visibilidade e voz para os jovens da comunidade. Assim, a internet se tornou uma aliada crucial para a consolidação do ADEMAFIA como um coletivo social e cultural, facilitando a mobilização e a participação ativa dos moradores na construção de uma identidade coletiva.

FIGURA 11: Instagram do Coletivo



FONTE: Instagram do Coletivo ADEMAFIA²⁵

FIGURA 12: YouTube do Coletivo



FONTE: YouTube do Coletivo ADEMAFIA²⁶

A influência cultural do coletivo transcende as fronteiras da favela do Santo Amaro e alcança outras comunidades do Rio de Janeiro, como o Complexo do Alemão e o Capão

²⁵Disponível em < [Ademafia \(@ademafia\) • Fotos e vídeos do Instagram](#)>. Acesso em 30 set. 2024

²⁶ Disponível em < [Ademafia Skateboarding Day \(youtube.com\)](#)>. Acesso em 30 set. 2024

Redondo. Eventos como o ADEMAFIA Skate Fest e parcerias para levar o Baile do Ademar para outras regiões são exemplos de como o Instituto tem impactado positivamente a cultura de rua em diversos territórios.

A trajetória do coletivo ADEMAFIA no Santo Amaro é um exemplo de resistência e inovação diante das adversidades. A capacidade de mobilizar a comunidade, criar oportunidades e, ao mesmo tempo, fortalecer a identidade cultural local, posiciona o coletivo como um agente de transformação social, sempre disposto a enfrentar desafios e celebrar conquistas.

3.3 Impactos e Desafios

Apesar de suas inúmeras conquistas e ações, o Instituto ADEMAFIA enfrentou e, ainda, enfrenta desafios recorrentes. Um dos principais obstáculos é a falta de recursos financeiros e investimento financeiro, que, embora não impeça a execução dos projetos, exige inovação constante para manter as atividades vigentes e desenvolver novas.

A solução para esse desafio tem sido a venda de produtos (camisas e outras peças de roupa) com a identidade visual do coletivo, a realização de eventos beneficentes e vaquinhas virtuais e, no futuro, a participação em editais públicos. Essas estratégias vêm sendo aprimoradas com o passar dos anos, juntamente com o aumento de pessoas somando/colaborando com o grupo.

Além disso, apesar de existir uma rede de colaboradores formada ao longo dos anos, essas marcas e organizações geralmente participam em projetos específicos, como por exemplo a Kenner, a Converse, entre outros. Porém, o coletivo permanece sem ligações efetivas com nenhum outro grupo ou empresa, não tendo ainda nenhuma coligação ou parceria oficial com marcas, para que possam chamar de patrocinadores. Como dito por Luquinhas (Ademar Lucas), “a gente com a visibilidade que tem a gente não tem uma marca de fato que chega e fala, “não, tamo junto”, tá ligado? Tem gente que colabora.”

Outro desafio é a falta de experiência técnica e profissional em algumas áreas um pouco mais burocráticas. No entanto, a partir da busca por conhecimento e inovação

contínua, o grupo conseguiu superar esses obstáculos. A melhoria é a marca do Instituto, onde os participantes do coletivo, sozinhos, se movimentam e vão atrás do aprendizado. Como o próprio Ademar Lucas destaca, o coletivo se mantém criativo e aberto a novas formas de atuação, sempre buscando a “melhoria” da gestão/organização interna, dos projetos e da comunidade como um todo.

Com isso, o grupo consegue sempre se inovar e mobilizar recursos de maneira coletiva e completamente independente. Como visto anteriormente,, a partir das vaquinhas, das redes sociais, dos eventos, e outras formas de ação, conseguem arrecadar recursos de fora da comunidade para dentro.

Um exemplo, que já mencionamos durante o trabalho, é o que ocorreu durante o período da pandemia (lockdown), onde , a partir de doações, foram entregues cestas básicas e refeições, beneficiando não apenas os alunos do Instituto ADEMAFIA, mas também outros moradores do Santo Amaro e favelas vizinhas. Esse engajamento ampliou a rede de solidariedade, inspirando outras ideias de atuação do coletivo, abrangendo o cultural e o social para além da comunidade.

Outro forte exemplo do impacto do coletivo socialmente pode ser visto nas ações sociais específicas de feriados e datas comemorativas que realizam, vistas no subcapítulo anterior, como os eventos no Dia Mundial Do Skate (21 de Junho), o Kids Day realizado no dia das crianças com entretenimento cultural e artístico, e a Ação de Páscoa que entregou chocolate às crianças e jovens da comunidade.

Além das ações emergenciais de cunho social, o ADEMAFIA também se destacou em projetos de revitalização do design espacial da comunidade. As pinturas e revitalização da Praça da Melhoria e do Casarão 349, como também a reforma da casa do Paulinho são exemplos concretos de como o coletivo tem promovido a autoestima e a identidade local.

Esses projetos não apenas embelezam o espaço, mas também fomentam a participação da comunidade, que ao visualizarem as melhorias, podem se interessar e se aliar ao coletivo e suas ações.

Outra ação marcante, que demonstra o grande impacto do coletivo, foi a viagem de jovens skatistas da favela a Barcelona, onde puderam vivenciar novas experiências e ampliar seus horizontes. Essa oportunidade transformadora não apenas proporcionou aprendizado,

mas também gerou um senso de pertencimento e aspiração para a nova geração, mostrando que é possível sonhar e alcançar objetivos além do que a comunidade frequentemente oferece.

Além dessas ações já realizadas, o coletivo planeja se expandir e desenvolver novas realizações. Entre as iniciativas futuras, destaca-se a criação de um estúdio de tatuagem, que funcionará como uma escola de formação em desenho e tatuagem. Este projeto não apenas atenderá à demanda por formação artística, mas também promoverá a cultura de rua, unindo elementos como skate, música e tatuagem em um espaço de aprendizado e expressão.

Há fortes planos para implementar também cursos semanais relacionados a audiovisual, como já proporcionados em oficinas temporárias, como por exemplo fotografia, vídeo e edição. Essas aulas permitirão que os jovens desenvolvam habilidades práticas e teóricas, preparando-os para o mercado de trabalho. Com a inclusão de computadores nas salas de aula, o ADEMAFIA busca criar um ambiente propício ao aprendizado e à criatividade, incentivando a produção cultural local.

Os eventos, como o ADEMAFIA Skate Fest, que foi explicado anteriormente, também se expandirão a outras comunidades e cidades, como por exemplo os eventos que já ocorreram no complexo do Alemão e o Morro do Dendê, promovendo um intercâmbio cultural e fortalecendo as redes de apoio entre os coletivos periféricos da cidade do Rio de Janeiro.

Isso é muito importante para construção de uma identidade cultural periférica que se permeia nas comunidades como um todo, para além dos conflitos e desavenças entre favelas. Essas iniciativas refletem o compromisso do ADEMAFIA em não apenas atender às necessidades imediatas, mas também em construir um futuro mais inclusivo e vibrante para todos. Como disse Ademar Lucas em nossa entrevista: “Acho que essa nova geração tá podendo sonhar com isso também, uma comunidade com mais oportunidade pras pessoas daqui e principalmente que formem profissionais”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando compreender o papel dos coletivos culturais na democratização do acesso à cultura, com foco na atuação do coletivo ADEMAFIA na comunidade do Santo Amaro, o trabalho evidenciou que a cultura de rua, como analisado por Roberto Lobato Corrêa, é um reflexo das dinâmicas sociais e do espaço em que se insere. Por isso, quando essa cultura é fomentada por coletivos sociais e culturais, ela pode ser usada como ferramenta de resistência, de auto afirmação da identidade periférica e de ressignificação e revitalização do espaço em que se insere.

A favela do Santo Amaro, um dos diversos exemplos da exclusão social e urbana histórica em nosso município, encontrou no coletivo ADEMAFIA uma forma de resistência às dinâmicas de urbanização, favelização e desigualdade social. Pela análise de Michel de Certeau sobre táticas e estratégias, o coletivo atua de maneira tática ao desafiar as normas sociais estabelecidas, criando novas narrativas e tornando visíveis realidades que costumam ser silenciadas perante à cultura hegemônica. Suas ações cotidianas oferecem alternativas de organização social, baseadas na solidariedade e no fortalecimento das redes locais.

O diferencial dos coletivos culturais, como o ADEMAFIA, está exatamente em sua capacidade de captar e responder diretamente às necessidades atuais da comunidade. Isso se deve ao fato dos próprios moradores serem os criadores e participantes do coletivo, essa proximidade permite que o grupo consiga implementar soluções eficazes e adaptadas ao contexto local, o que contrasta com a abordagem distante e, na maioria das vezes, genérica do poder público e estatal.

A atuação do ADEMAFIA durante a pandemia de 2020, por exemplo, ou na revitalização da casa do Paulinho e, também, na do Leon, como a revitalização da praça da melhora, ilustra a habilidade do grupo em mobilizar recursos e redes de apoio para atender às demandas emergenciais da comunidade, mostrando a resiliência local em procurar sempre “melhoria” para sua favela e seus moradores.

A transformação física dos espaços da favela através da arte é outro aspecto importante do trabalho do coletivo. Cada mural, cada evento cultural não apenas embeleza o ambiente, mas também promove um sentimento de orgulho e pertencimento entre os

moradores. O cotidiano se transforma quando as pessoas passam a enxergar os espaços de maneira diferente.

Um muro antes invisível se torna um painel de arte, gerando um novo significado para a comunidade. Uma praça pintada se torna um novo local para as crianças e jovens ocuparem e usufruírem. Como o próprio Ademar Lucas ressaltou: “Eu acho que fazer com que as pessoas tenham uma outra ótica sobre o mesmo espaço, sabe? Um muro que antes estava ali, que não era visto como nada, e do nada passa a ser um painel e abriga uma arte”.

Essa ressignificação dos espaços desempenha um papel crucial no combate aos estigmas associados, historicamente, às favelas. O envolvimento da comunidade nesses processos cria uma consciência coletiva sobre a importância da cultura na transformação social, gerando um ciclo de valorização e autoestima. A "sintonia de pensamento e sentimento", como mencionada por Ademar, reflete o poder do coletivo de unir a comunidade em torno de um propósito comum, onde a cultura de rua, antes apagada e silenciada, agora se torna um meio de fortalecimento e empoderamento.

Portanto, o ADEMAFIA se destaca como um modelo exemplar de como os coletivos culturais podem transformar diariamente as realidades periféricas. Suas ações diretas não apenas ressignificam os espaços físicos, mas também reconfiguram as relações sociais, reafirmando a dignidade e a visibilidade das populações marginalizadas. Este trabalho demonstra que a verdadeira transformação social surge das ruas, das favelas e da potencialidade de quem vive essas realidades de criar novas possibilidades.

Assim, conclui-se que a cultura de rua e a ação dos coletivos, como do ADEMAFIA, quando se entrelaçam, formam um potente mecanismo de resistência e afirmação identitária, capaz de influenciar e inspirar novas gerações a sonhar com uma comunidade melhor. O reconhecimento e fortalecimento dessas iniciativas são imprescindíveis para a construção de uma sociedade que abraça toda sua diversidade cultural, promovendo e valorizando as vozes que foram historicamente silenciadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADEMAFIA. **ADEMAFIA Skate Fest - Go Skateboarding Day 2024**. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=u7p0a3bnuH4#:~:text=S%C3%A1bado%20\(22/06\)%20aconteceu%20na%20comunidade%20Santo](https://www.youtube.com/watch?v=u7p0a3bnuH4#:~:text=S%C3%A1bado%20(22/06)%20aconteceu%20na%20comunidade%20Santo). Acesso em: 20 set. 2024.

ADEMAFIA Skate Fest 2024. Disponível em: <https://blackmediaskate.com/noticias/eventos-noticias/ademafia-skate-fest-2024/#:~:text=Desde%202004,%20o%20Dia%20Mundial%20do>. Acesso em: 20 set. 2024.

ADEMAFIA. Disponível em: <https://ademafia.com/ademafia/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

ADEMAFIA. **LIVE Baile do Ademar no Santo Amaro - ADELIFE #270**. 25 mar. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/8Yi6v5p3nhw?si=XDROBTgOrp4FYbTo>. Acesso em: 25 set. 2024.

ADEMAFIA. **Olimpíadas do Santo Amaro - ADELIFE #291**. Disponível em: <https://youtu.be/E8dG24ds2Ck?si=gBCgMDBrdQJ9HBhz>. Acesso em: 25 set. 2024.

ADEMAFIA. Rio de Janeiro. 16 abr. 2022. **Instagram: @ademafia**. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CcbAtDDJqp7/?igsh=YXR3Y2h1bHdjXJt>. Acesso em: 30 set. 2024.

ADEMAFIA. Rio de Janeiro. 27 set. 2022. **Instagram: @ademafia**. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CjBMZSGrdXQ/?igsh=MXc4N3B5MzAzdjdyag%3D%3D>. Acesso em: 20 set. 2024.

ADEMAFIA. Rio de Janeiro. 29 mar. 2021. **Instagram: @ademafia**. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CNBDjvynwMa/?igsh=djMxam93bmN2aTA0>. Acesso em: 30 set. 2024.

ADEMAFIA. Rio de Janeiro. 31 jul. 2024. **Instagram: @ademaafia**. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C-Gj6e8yhCU/?igsh=NDg0NnpncWtmZHA1>. Acesso em: 20 set. 2024.

ADEMAFIA. Rio de Janeiro. **Canal Ademaafia**. YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UC63S58vWTVXO_t5D8y4wx8Q#:~:text=Ademaafia%20%C3%A9%20o%20que%20nos%20une. Acesso em: 30 set. 2024.

ADEMAFIA. **Tropinha do S.A - ADELIFE #251**. 26 abr. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hBa4X_f0Gjk. Acesso em: 25 set. 2024.

AGLOMERADOS SUBNORMAIS. IBGE. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/4823879b95c3b36b71b8b11f6a143d45.pdf#:~:text=diferentes%20segmentos%20da%20sociedade,%20promoveu%20a. Acesso em: 25 set. 2024.

BAILE DO ADEMAR EM SP. Disponível em: <https://www.ingresse.com/baile-do-ademar-15-anos>. Acesso em 25 set. 2024.

BAILE DO ADEMAR. Disponível em: <https://www.circovoador.com.br/evento/20240430-baile-do-ademar#:~:text=Ter%C3%A7a,%2030%20de%20abril,%20v%C3%A9spera%20de>. Acesso em: 25 set. 2024.

BRASIL, W. S. **O coletivo Fora do Eixo: juventude organizada, produção, circulação e consumo cultural.** 2015. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/6262/1/WENER_SILVA_BRASIL.pdf. Acesso em: 10 set. 2024.

BRASIL. **Emenda Constitucional nº 26**, de 14 de fevereiro de 2000. Altera o art. 6º da Constituição Federal para incluir o direito à alimentação. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Emendas/Emc/emc26.htm. Acesso em: 25 set. 2024.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010: Resultados gerais da amostra**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidimensionais/censo-demografico/2010.html>. Acesso em: 10 set. 2024.

CANAL OFF. **5 Anos de Ademaia**. 2019. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/5-anos-de-ademaia/t/WNLFFkZxcr/>. Acesso em: 30 set. 2024.

CANAL OFF. **Ademaia: O começo de tudo!**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YtX_EPTmhO8. Acesso em: 13 jun. 2024.

CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Petrópolis, 1996.

CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

COUTO, L. **Instituto Ademaia**. Disponível em: https://wikifavelas.com.br/index.php/Instituto_Ademaia#Refer%C3%Aancias. Acesso em: 20 set. 2024.

COUTO, L. **MORRO SANTO AMARO**. Wikifavelas. Disponível em: https://wikifavelas.com.br/index.php/Morro_Santo_Amaro#:~:text=Autoria:%20Equipe%20Dicion%C3%A1rio%20de%20Favelas%20Marielle. Acesso em: 13 jun. 2024.

FOCHI, M. A. B. **Hip hop brasileiro**. In: Tribo urbana ou movimento social. 2007. p. 61-69.

FREITAS, A. **2050**. Revista Humanos. Disponível em: <https://revistahumanos.com.br/reportagem/2050/#:~:text=O%20laborat%C3%B3rio%20est%C3%A1%20localizado%20no%20Morro>. Acesso em 30 set. 2024.

G1. Sem orçamento, Censo é suspenso mais uma vez: entenda a importância da pesquisa e o que acontece agora. G1, 23 abr. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/04/23/sem-orcamento-censo-e-suspenso-mais-uma-vez-entenda-a-importancia-da-pesquisa-e-o-que-acontece-agora.ghtml>. Acesso em: 20 set. 2024.

Instagram: @ademaia. Disponível em: <https://www.instagram.com/ademaia/>. Acesso em: 30 set. 2024.

INSTITUTO ADEMAIA. Rio de Janeiro. 30 maio. 2024. **Instagram: @instituto.ademaia.** Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C7mKimJOrEj/?igsh=MTVweXdwbGh3OXFibA%3D%3D>. Acesso em: 30 set. 2024.

LITWAK, P. **Projetos sociais da comunidade do Santo Amaro, no Catete, fazem festa para as crianças.** O Globo, Rio de Janeiro, 14 out. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/zona-sul/noticia/2023/10/14/projetos-sociais-da-comunidade-do-santo-amaro-no-catete-fazem-festa-para-as-criancas.ghtml>. Acesso em: 22 set. 2024.

LOPES, A. B. **Resenha climática.** RioOnWatch, 15 jun. 2024. Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=73933>. Acesso em: 15 jul. 2024.

LUCAS, A. Rio de Janeiro. 01 maio. 2024. **Instagram: @luquinhasxv.** Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C6cwAjHL8k9/?igsh=MWw4MGc2eHNpNGNzcQ>. Acesso em: 20 set. 2024.

LUCAS, A. Rio de Janeiro. 12 jul. 2024. **Instagram: @luquinhasxv.** Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C9WDqwEM04A/?igsh=MXJmaGJrZ3AzMWd0Zw==>. Acesso em: 30 set. 2024.

LUCAS, A. Rio de Janeiro. 27 jul. 2024. **Instagram: @luquinhasxv**. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C97m3Xyuu2N/?igsh=MTM0dm50NDNjZ2xoMA==>. Acesso em: 20 set. 2024.

LUCAS, A. Rio de Janeiro. 3 jul. 2024. **Instagram: @luquinhasxv**. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C893fv9uIPG/?igsh=aThkc3pxajU2NjZk>. Acesso em: 30 set. 2024.

LUCAS, A. Rio de Janeiro. 7 jul. 2024. **Instagram: @luquinhasxv**. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C9JFiGIsDOd/?igsh=MTB2NXFzcjR2bXJvdA==>. Acesso em: 30 set. 2024.

NICOCELE, A.; CROQUER, G. **Após 50 anos, IBGE volta a usar o termo favela no Censo**. São Paulo, 23 jan. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/01/23/ibge-favela.ghtml>. Acesso em: 20 set. 2024.

NOGUEIRA, M. L.; BESSA, R.; SIMÕES, L. L.; BATISTA, L. C. L.; SILVA, L. M.; COSTA, M. R. **A revolução da cultura da rua**. CEFET-MG, 2018. Última alteração em: 27 ago. 2018.

OLIVEIRA, D. A. **Cultura política urbana: uma análise da inscrição territorial do hip-hop no bairro de Monjolos, São Gonçalo**. Revista Cultura Crítica. São Paulo: Apropuc-SP, [s. d.]. Disponível em: [https://www.academia.edu/36855335/Cultura_Pol%C3%ADtica_Urbana_Uma_an%C3%A1lise_da_inscri%C3%A7%C3%A3o_territorial_do_hip_hop_no_bairro_de_Monjolos_S%C3%A3o_Gon%C3%A7alo#:~:text=Esta%20cultura%20envolve%20m%C3%BAlica%20\(rap\),%20dan%C3%A7a](https://www.academia.edu/36855335/Cultura_Pol%C3%ADtica_Urbana_Uma_an%C3%A1lise_da_inscri%C3%A7%C3%A3o_territorial_do_hip_hop_no_bairro_de_Monjolos_S%C3%A3o_Gon%C3%A7alo#:~:text=Esta%20cultura%20envolve%20m%C3%BAlica%20(rap),%20dan%C3%A7a). Acesso em: 10 set. 2024.

REDAÇÃO JORNAL DO RAP. **A história e a evolução do hip hop no Brasil e no mundo**. 27 abr. 2023. Disponível em: <https://www.jornaldorap.com.br/noticias/a-historia-e-a-evolucao-do-hip-hop-no-brasil-e-no-mundo/>. Acesso em: 30 ago. 2024.

RIBEIRO, M. **A história do funk carioca e sua influência**. Cultura NF. Disponível em: <https://culturanf.com.br/descubra-a-fascinante-evolucao-do-funk-carioca/#:~:text=O%20funk%20carioca%20teve%20origem%20nos>. Acesso em: 03 out. 2024.

RIBEIRO, R. **Uma história oral do TTK**. Vice. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/uma-historia-oral-do-ttk-2/#:~:text=O%20TTK,%20como%20%C3%A9%20falado%20o>. Acesso em: 30 set. 2024.

RODRIGUES, S.; MARQUES, A. L.; RODRIGUES, M. **Como cachê de Filipe Ret foi de R\$ 500 para R\$ 500 mil: 'A energia da rua me escolheu'**. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/rock-in-rio/2024/noticia/2024/09/03/como-cache-de-filipe-ret-foi-de-r-500-para-r-500-mil-a-energia-da-rua-me-escolheu.ghtml>. Acesso em: 20 set. 2024.

SILVA, L. A. M. **Violência urbana, segurança pública e favelas: o caso do Rio de Janeiro atual**. Dossiê, 2023. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3476/347632181006.pdf>. Acesso em: 20 set. 2024

SILVA, M. N. **A favela como expressão de conflitos no espaço urbano do Rio de Janeiro: o exemplo da zona sul carioca**. Rio de Janeiro: PUC Departamento de Geografia, 2010. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=16168@1>. Acesso em: 10 set. 2024.

SOUSA, E. C. de; BASTOS, R. S. **ADEMAFIA e o Santo Amaro: transformação social a partir do skate e da mobilização popular**. Ensaios de Geografia, Niterói, v. 9, n. 20, p. 62-94, jan.-abr. 2023.

VAMO Q VAMO FILMES/ESTÚDIO. Rio de Janeiro. 12 jun. 2024. **Instagram: @vqvfilmes**. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C8IPU-Ipl4y/?igsh=YXlvNjRhCTN6djIz>. Acesso em: 30 set. 2024.

APÊNDICE A- Entrevista transcrita**ENTREVISTA COM A LIDERANÇA DO INSTITUTO ADEMÁFIA
(ADEMAR LUCAS)****Arquivo: - Tempo de gravação****Realizada em (data aqui)**

Identificação: Lucas Ademar

Legenda:

P- Pesquisadora

A- Lucas Ademar

P: Eu separei, tipo, em blocos, as perguntas, por temas. São 14 perguntas só, tá?

A: Tá.

P: A gente vai passando rapidinho. O trabalho é sobre o coletivo de vocês, mas também é sobre a cultura de rua. Tipo, como skate, hip hop, grafite, influenciam a vida das pessoas, principalmente nas comunidades. Aí, a primeira pergunta é, como é que você define cultura de rua nas suas próprias palavras? No sentido, tipo assim, como é que significa para você, sabe? Exemplo, você tem uma super relação com o skate, é muito influente. Mas, de que forma, o skate é tão importante à sua vida, o hip hop, sabe? De que forma é importante para você, como você vê isso na sua vida mesmo? Não tem resposta certa.

A: Acho que, tipo assim, por circular bastante, eu defino muito cultura de rua como uma parada que conecta, tá ligado? Que é, tipo, são várias culturas, né, dentro, né, a rua. Eu vim do skate, mas o skate, ele, por ser nascido na rua, tá na rua, tá conectado ali, vive lá da lado com grafite. E aí, com os MCs também, com os DJs, então, com o hip hop, em geral, até brinco. Falo que o skate é um elemento do hip hop. Ia ser muito legal um dia que a galera

considerasse isso, porque eu conheço muito DJ e rapper, que foi influenciado pelo skate, que hoje é rapper, que é MC pelo skate. Então, a cultura de rua, para mim, é meio que uma parada que conecta, né? E muito isso, né, que a rua é onde tudo passa, a rua é onde tudo acontece, né? E eu cresci, eu falo que cresci na rua, as pessoas até acham que eu sou, né, fui morador de rua. Mas é porque eu passava horas andando de skate nos picos, nas praças, né? Então, eu me deslocava muito pela cidade também. Então, e uma das coisas assim que dá, né? As vivências que se cruzam ali, né, o tanto de pessoas que a gente acaba se conhecendo, se conectando. Eu era criança assim, tinha meus 14, 15 anos assim, andando de skate desde os 10, caminhando por aí sozinho desde os 11.

P: Mas você já morava aqui, né?

A: Já morava aqui no Santa Amaro, né? Então, é isso também, né? Tem aqui a geografia da cidade do Rio de Janeiro, né? O Santa Amaro por estar ao lado do Catete, né? A rua que eu tinha acesso é, né, tipo, aqui embaixo, né? Onde eu comecei a andar de skate na Praça do Catete, depois do Aterro do Flamengo e depois da Praça 15, né? E andando pela Lapa, pro centro da cidade. Eu cresci fazendo esse rolê. Eu me conectei com muita gente, assim. Então, hoje até hoje eu passo e comprimento o cara que é segurança do metrô aos mesmos 20 anos que eu ando de skate. Sempre complementei e me conectei com uma galera mais velha também, a tia das vendas, as pessoas de rua, né? A situação de rua, então, cresci no meio dessa galera, assim, dividindo skate, dividindo rango. Então, acho que, né, quando a gente vai pra alguma outra cidade, a gente vai pra algum outro estado, pra alguma viagem, pra algum lugar do mundo, é na rua que as coisas acontecem, né? Então, é isso.

P: Boa. Vamos lá. Como é que você acha que essa cultura se manifesta aqui no cotidiano do Santo Amaro? Tipo, no dia a dia aqui, pros moradores, pra galera que... De que forma você acha que, assim, o hip hop, o skate também, as batalhas, essas coisas todas da cultura de rua se manifestam no dia a dia aqui. Tipo, a gente tem o baile funk, aqui tem o Baile do Ademar, por exemplo.

A: Roda cultural do Santo Amaro, WhisCria.

P: Mais que outras formas, assim, você consegue enxergar.

A: Que a cultura, né, como é que ela se manifesta no dia a dia, no cotidiano?

P: Uhum.

A: Sei.

P: Ainda mais aqui, assim.

A: Ah, foi um plano. Deixa eu te contar. E é exatamente no cotidiano que muda, entendeu? A gente consegue, principalmente, eu acho que fazer com que as pessoas tenham uma outra ótica sobre o mesmo espaço, sabe? Um muro que antes estava ali, que não era visto como nada, e do nada passa a ser um painel e abriga uma arte, sabe? Um quadradinho ali, que a galera vê como oportunidade pra colocar um DJ e se virar um palco, tá ligado?

P: Uhum.

A: Acaba reinterpretando, né, o próprio espaço físico da comunidade. Eu acho que isso é um ponto importante. Acho que o movimento, o quanto que é diverso o movimento, né? E movimenta a diversidade com isso. É isso, acho que a galera entende quando vê uma apresentação da roda cultural e quando vê esses movimentos, a gente, a galera começa a entender, né, ver o valor que as pessoas de movimento tá dando pra comunidade, pro espaço, né? Acaba trazendo um olhar diferente, sabe? Eu acho que o impacto é isso, assim, trazer, né? Quando o coletivo ali, eles conseguem trazer uma sintonia ali de pensamento, de sentimento, a gente consegue, né? Com os eventos, assim, o Dia Mundial do Skate, um show, Filipe Ret no Santo Amaro, esses momentos que a comunidade se conecta, né? Então é importante pra caramba, é um movimento, enfim, não sei se eu consegui responder.

P: Mas é basicamente isso mesmo, né? Nas suas palavras...

A: Mas principalmente o fato de movimentar também é a questão da grana, né? Dinheiro, botar dinheiro no bolso das pessoas, do Moto Taxi, da tia da venda.

P: Você acha que atualmente, assim, as pessoas no Santo Amaro estão muito envolvidas não só, é, obviamente, escutando e consumindo, mas também, tipo, trabalhando e produzindo com a cultura de rua?

A: Com certeza, com certeza. Tem o Alan da roda cultural do Santo Amaro, que é morador da comunidade, cria. É o próprio coletivo, outros coletivos também estão se apropriando da cultura de rua, né, no sentido que agora existe um coletivo aqui na comunidade, chamado Favela Cores, que tem como objetivo fazer esse movimento mesmo aí de colorir, de mudar. Então, algo específico voltado pra isso, como a gente também tem de tecnologia, que também, de certa forma, acaba falando da cultura de rua, do Hip Hop, do skate, integra, né? Hoje é um movimento bem integrado, assim, no Morro. E a cultura de rua, com certeza, é uma vertente que direciona moda, comportamento. E é legal porque as pessoas daqui, com a vivência do Morro, interpretam, fazem a sua própria interpretação e nasce algo genuíno, assim, algo com esse cuidado, com esse valor, assim, e com essa identidade.

P: Sim. Aí, o próximo bloco já é mais sobre o coletivo mesmo, uma coisa mais, um pouco mais teóricazinha, que é, como você criou Ademafia? A gente consegue acessar isso em vários sites e tem o documentário, tem os vídeos no YouTube, assim, onde você fala, mas... Então, você pode falar mais brevemente sobre isso, só pra gente ter essa parte da entrevista, como que foi a criação e o que que te motivou, primeiramente, a criar.

A: Tá, (falando com amigo) há quantos anos a gente anda de skate junto?

AM: 19.

A: 19 anos, então, assim, é minha galera, eu ando com essa galera até hoje, a galera do skate, que desde menor, entendeu? Então, tipo, a gente sempre teve junto, o skate, tá ligado? A gente ia pros campeonatos de galera. De sessão era galera, era 30, era 40, tá ligado? Na sessão, praça 15, final de semana bombando, maior solzão, te chegava, tu via, maior bondão, maior blocão. Aí, dali, desmembrava e depois iam os bondes até quando só a gente ia pra casa, que às vezes ainda tinha um bonde do morro que andava. Então, assim, é bonde, galera, então... Mas o Ademafia nasceu como coletivo em 2013, né? A gente tinha... Eu precisava fazer um corre de audiovisual, comprei a câmera, comprei o computador, uns

amigos moviam isso perto, mas a gente não tinha algo que funcionasse e que ajudasse. Tipo, eu na minha carreira, o humano ali na carreira dele, então, a gente... Eu e um amigo meu, alguns amigos tentavam trabalhar junto. E aí a gente, né, 2011, 2012, a gente pensou que era o YouTube que a gente poderia fazer, colocar vídeo e definirmos mais ou menos o que seria de formato, que seria simplesmente sair na rua e filmar as coisas que aconteciam. Tá ligado? Por que tipo assim, mano? A gente saía pra andar de skate e passava o cara em pé em cima do ônibus, o bagulho acontece na rua, mano. E a gente tava na rua seis horas por dia, sete horas por dia. Pegava um trem e ele ia lá pra não sei onde.

Voltando. Só que não tinha um nome. Aí o nome que tinha, caralho, mas qual é o nome? Sei lá, mano. Botava a ideia de “O fantástico mundo de Ademar”, que era uma ótica minha. Tá ligado? Porra, o meu brother era o cara que vendia picolé, a tia que vende sorvetes.

É muito doido o universo que é e as pessoas que eu queria mostrar o lance do skate, ser da rua, deu ser da comunidade, o skate ser da rua e como que eu levava o funk pro skate e como que... E a gente, mano, viajava por aí, pra mostrar o cotidiano do skatista numa ótica nossa, mostrando os bastidores das coisas, enfim, a gente sabia disso tudo, mas não tinha um nome. O nome era ruim, é grande, e aí ficou por isso, tá ligado? E aí, um dia, a gente estava ouvindo um som na Praça 15, tipo, tinha chovido, sei lá, porra, não dava pra andar, mas, porra, a gente ligava uma caixa de som, pegava o cara do isopor da frente, mano, para aqui, é quanto, é nosso, vai. Aí passou um mano e falou, “Ademafia”, tem uma marca chamada Skate Máfia, que é, os caras tem, são os caras, tipo assim, os maluco mais foda da marca, nem Instagram tem, tá ligado? Os caras são, tipo, da rua, jogado.

P: Os verdadeiros “malucos”, né?

A: É, os caras é Under, underground, tá ligado? Underground, a gente fica porra, bebendo cerveja embaixo de um viaduto no centro da cidade, tá ligado? Que ninguém queria tá ali, só se quisesse mijar. Mas era nosso pico de Skate, nossa casa, mano, nossa praça ali, a gente ficava ali. E o mano deu esse salve, Ademafia, na hora eu falei, caralho, é o nome.

Peguei o jet no mesmo dia, mandei um tagzão, tirei uma foto e fiz tudo o que eu sabia que tinha que fazer, tudo o que eu tinha aprendido. Não quis que a Ademafia virasse uma marca, quis que o Ademafia virasse um movimento pra gente não ter nenhum tipo de ser visto como concorrente de outras marcas, tá ligado? Porque tem muito isso, tu usar uma

marca de tênis, tu não pode usar outra marca de tênis. Falei, mano, se eu for uma marca, entendeu, tipo, falei, não, a gente vai ser um movimento que vai fazer isso até quando esse movimento estiver consolidado, aí ele *terá* produto.

P: Entendi.

A: Cresci no meio do skate das marcas, desse movimento, patrocínio, fazer, tentar arrumar coisa, apoio, enfim, gente me passando a perna. A gente foi a busca de autonomia que fez a gente, né, sempre fez a gente se unir e dessa necessidade a gente fez, né, e esse potencial da gente de articular junto ali. Eu comecei a filmar essas vivências que a gente fazia junto e como a gente passou a ter um canal no YouTube e precisava ter vivência pra vídeo, a gente passou a ter mais vivência. E aí quando a gente falou que, quando falaram pra gente que uma vez por semana precisa estar no YouTube, a gente passou a ter uma vivência por semana, tá ligado? Aí foi 300, tem 375 vivências filmadas e tem mais de 10 milhões de visualizações, isso tudo no YouTube. Esse movimento nosso foi pro YouTube, virou um canal, né, a gente também. E o canal, na verdade em 2013 coletivo e em 2014 foi, a gente abriu o nosso canal no YouTube. Então a gente fala que a gente tá comemorando 10 anos de Ademaфия, mas porque a gente sempre é atrasado. Eu comemorei 3 anos de Ademaфия, 2 anos, eu pulei o segundo ano, Ademaфия é uma bagunça, até hoje eu não consegui entender. É uma loucura, mas acho que eu respondi, né, aí virou o coletivo, através do coletivo a gente se conectou com mais pessoas, continuou se conectando.

P: Você acha que o começo assim, como um coletivo, tipo oficialmente somos um coletivo, quando?

A: 2013.

P: Que é a partir desse trabalho de audiovisual?

A: É, do audiovisual do canal em 2014. A gente tinha um vídeo por semana e tinha de 10 a 120 mil visualizações, assuntos nossos. Tipo, fulano aqui, não sei quem, não sei da *onde*, lá no *Dree Beatmaker de Austin (beatmaker brasileiro)*. O *Dree* é de Austin, a gente pegou um trem e mostrou a vivência, nós indo de trem pra lá, pulando o muro. Mostrou o que a

gente já fez. Já viu esse Adelife? Era isso, era o que a gente vivia. E aí, até 2018, 2019, a partir de 2016 a gente começou a fazer os eventos aqui na comunidade, que era o aniversário da Ademafia, que era uma forma de a gente, tipo, era o caminho. Eu já falei, não, é lá. Aí era anual, aí 2019 foi uma parada mais. Eu trouxe o skate de fato, a gente começou nossas aulas, aí veio a pandemia. Aí a gente ficou atuando em outras frentes, quando a gente foi ver. Hoje a associação manda mensagem, todo mundo manda mensagem, todo mundo sabe de tudo. E ela ajuda, o Morro virou uma engrenagem, né? É muito doido, o movimento tá acontecendo.

P: Entra até um pouco na próxima pergunta, que é isso. Como é que aconteceu a formalização de vocês, tipo, hoje em dia vocês têm várias coisas, né? Vocês são o coletivo, tem o instituto, né? Que faz os projetos sociais, tudo mais. Como é que, tipo...

A: Se divide, tá? Ademafia com o CNPJ, com o CNPJ específico, de Ademafia... Esqueci.

P: Produções.

A: Produções audiovisuais, é isso aí. Ela é uma produtora, tá ligado? Ela é uma produtora. Aí a gente também tem lá o Kenai para a venda de produtos, etc, e produção de eventos.

P: Entendi.

A: Aí nela temos a nossa parte de comunicação, que são as mídias da Ademafia, né? Eu como Influencer e palestrante. As coisas que eu sou contratado, né? Eu emito através do Ademafia, minha empresa. Baile também, do Ademar, que é... Veio antes da Ademafia, tinha 18 anos, quando fiz a primeira festa do Baile, que falaram “e aí, mano, quando é o próximo Baile do Ademar?” eu continuei fazendo. E é isso, a produção de... Prestação de serviço, quando a gente vai fazer alguma cobertura e tudo mais. Venda de produtos no nosso site.

P: E a parte do, por exemplo, aulas de skate e essas coisas, aí?

A: Aí o instituto é o nosso outro CNPJ, né? Que é a nossa associação.

P: Entendi.

A: Que é a ONG, que é o trabalho social. E é muito doido, porque a gente... O social sempre fez parte do Ademafia, tá ligado? Com a importância que hoje existe um braço pra isso. Então eu considero o Ademafia, tipo, várias, né? Uma estrutura... São várias estruturas, assim, a Ademafia, né? Que eu sempre tive pilares, assim, que eu quis... Que eu quero sempre trabalhar e eu sempre busco fazer com que isso funcione. Então é como se fosse um malabarismo, né? Porque não temos tantos braços. Apesar de agora, o instituto tem uma galera que ajuda. Mas é o skate, a arte, cultura, moda, social. Os trabalhos sociais, os nossos produtos... As coisas de moda que a gente realiza... A parte de música... Tá ligado? Que é importante pra caralho, que aí entra na cultura aqui, que é a questão do baile. E, arte também que não deixa de ser cultura, né? Mais específica para as práticas de grafite, de tudo o que a gente pode movimentar.

P: Tem até uma quadra ali, né? Que vocês pintaram? Ali, onde tem a aula de skate? A Raquel (irmã do Ademar e parceira do coletivo) chegou a me mostrar.

A: Isso. É, o morro tá todo pintado, cara. É a nova realidade. Tipo a entrada... As duas entradas.

P: A gente tava vendo hoje também o Grafite, que a gente não conhecia, novos. Na rua do baile.

A: De 2024? É, fizeram um mutirão. Que agora revitalizaram vários... Favela cores. E... Porra. É o Santa Amaro, né, cara? É uma identidade, né?

P: E a relação do Instituto com a Pandemia, que parece que é um momento que vocês começam mais a focar mais nesse lado social, né? Até pela necessidade do mundo, tá precisando realmente de uma movimentação.

A: A gente viu a realidade de perto, né? A necessidade... As pessoas sem recursos. Todo mundo de mãos atadas. Só que a gente vinha de uma prática, né? Fizemos a casa do

Paulinho, fizemos uma vaquinha, levantamos 30 mil reais, tá ligado? Aí outra missão, enfim, a gente já tinha feito umas três, quatro vaquinhas. Sabia como arrecadar dinheiro por uma causa, né? Usar uma ferramenta. A gente já tinha iniciado o trabalho em 2019 com skate. Então a gente já tinha mais um relacionamento com a comunidade. Mas foi aí que a gente entendeu a fragilidade, né? Foi muito doido, porque era o básico, né, cara? E depois, na pandemia, ainda teve a questão da água aí. Agora, o irmão, tá sem água. Mó tempão, vários dias. E aí, o que que acontecia? Na pandemia, eu vim pra casa nossa aqui no Morro. A casa da minha irmã. E aí, eu também tava mais aqui, né? E aí, a gente também tinha se conectado com mais famílias no skate, então, a gente começou primeiro atender as famílias do instituto. Só que a gente fez as contas, falou, tipo, assim, se a gente fosse ajudar... Antes, eu pensei em 5 mil reais. E aí, a gente foi fazer as contas, de quanto dava 5 mil reais, assim de ajuda, de quantas pessoas a gente podia atender. A gente não ia atender direito às nossas do instituto. Aí, a meta foi 15. A gente pensou em 10. Aí, eu vi que o nosso amigo da ONG social skate tinha botado 10 pra meta deles, aí eu falei, pô, a gente trabalha com mídia, né? Então, se os caras, tipo assim consegue movimentar 10 lá, vamos tentar um pouquinho mais aqui, que a gente tem uma rede aqui e tal, e a gente se movimentou, né? Eu vi eles fazendo lá, aí, eu vi eles fazendo a vaquinha deles. Aí, eu falei “caralho, pode crer, a gente tem uma magia aqui também”. E, a gente conseguiu bem mais que isso. A gente conseguiu ajudar muito mais gente do que a gente imaginava. Foi importante. E, assim, o movimento da vaquinha, pra comprar cesta básica, ajudou outras pessoas também a, tipo, ver nossa necessidade e vir ajudar com com quentinha, tá ligado? A gente conseguiu o nosso movimento, né? Como a gente se prontificou a fazer essa distribuição, esse mapeamento. Como a gente estava voluntariamente fazendo esse movimento, acabaram vindo até a gente outras ajudas e a gente direcionou ajuda também para outros projetos, como o “Ame O Santa Amaro”, que era uma grande... que já estava desenvolvendo ali e ele fazia uma frente ali que a gente vê que é importante, né? Porque ninguém vai conseguir olhar o Morro, a todas as necessidades, abraçar tudo, entendeu?

P: É, por parte, né?

A: Exato, então, se a gente pudesse... As células vão crescendo, vão criando, e a gente vai aí, abraçando mais coisas, né? E aí, o instituto teve esse foco nesse momento, e depois, né, voltou focando as atividades das crianças, mas, em paralelo, ao mesmo tempo, a gente

tem uma... Daqui a duas semanas, a gente já tem uma obra pra fazer na casa de um dos alunos. Já tem mais uma casa pra fazer. Ajudamos no Rio Grande do Sul, a questão da chuva, fizemos um bazar beneficente, que excede no nosso corre, a gente...

P: Sempre acabam aparecendo outras coisas, além da comunidade, né?

A: Sim, e na própria pandemia, parte do que a gente arrecadou de alimento, também atendeu pessoas de outras comunidades aqui. O próprio instituto atende pessoas de fora da comunidade. O foco é a comunidade, mas a gente, quem que a gente tá podendo se conectar e somar, a gente tá fazendo. Por exemplo, o próximo Ademafia Skate Fest vai ser no complexo do alemão, no Morro do Adeus, em novembro. E já tem um programado pra ser no Morro do Dendê, e assim vai. O Baile programado pra ser no Capão Redondo.

P: Vão começar a se espalhar mais.

A: Exato, a gente vê que hoje em dia a comunidade e as coisas estão andando, então agora a gente consegue pensar formas da gente conectar ali outras... Isso é crescer, né? Crescer através de rede. E tem muita gente que vem pra cá, vê o que a gente tá fazendo, se inspira. Então a gente com a prática, com o tempo, tá inspirando gente dentro da comunidade, fora, e a gente sai, circula, se conecta, e se inspira no corre dos outros também. E não sei se é isso, o Instituto Ademafia é isso, né? E essas novas gerações da comunidade, do Ademafia, do Instituto que vai estar aí também trazendo as suas visões, suas necessidades (26:00) e aprendendo também quais são as ferramentas que temos, como usá-las.

P: Aí, e o jovem ensina, né?

A: Exato, exato.

P: Tá vivendo assim, no mesmo tempo que tá acontecendo, tecnologia...

A: Isso deixa a gente sempre muito atualizado.

P: Bora pra próxima. Quais foram os principais projetos envolvidos pela Ademafia? Fala três, por exemplo.

A: Os principais?

P: É, aí você pensa esses três principais pensando assim, de que forma eles mais impactaram na comunidade, sabe? Três projetos que você acha que impactaram muito na comunidade.

A: Então a pintura do mural, 2019, com parceria com a Converse. Eu fui convidado pra ser curador de um projeto e consegui trazer esse projeto aqui pro Morro, botar a galera do Morro pra tramar, a Ademafia como produtora e minha família, e a galera fez a parada acontecer. O Kajaman pintou, nasceu um mural, tá ligado? Tipo, foi um projeto que aconteceu meio que simultaneamente em Paris, Barcelona... Foi um projeto global.

P: E aí no Rio foi aqui?

A: No Rio foi aqui. Tá ligado? No Brasil foi São Paulo, Salvador e Rio de Janeiro. E aí teve Madrid, Nova York, Paris e aí algumas cidades. América do Sul foi no Brasil e uma outra. Esse é um, a casa do Paulinho é outra.

E aí esse um foi isso, né, que a gente fazia entrega de cesta básica e a gente se movimentava só que é isso, né. Era meio oculto, né, a gente ajuda as coisas se dissipam assim. A gente fez uma parada e ficou visível ali, a melhoria, né. Foi uma época que nasceu mesmo isso, a melhoria, melhoria, melhoria, melhoria, melhoria, melhoria, melhoria, melhoria, melhoria. Era nosso mantra. Foi um grande desafio fazer pra a estrutura da... fazer adaptar o trabalho que foi feito em vários lugares do mundo pra dentro de uma favela, que a galera esperava, né, tipo assim, tava... Às vezes, tipo... A gente tinha que retratar pro global, tá ligado? O bagulho foi tenso. Enfim, vencemos. E... Mostrou pra comunidade, deixou... Eu vi o impacto visual, tá ligado? Daí que a gente pintou a quadra, por exemplo.

P: Entendi.

A: Daí que tipo, a gente caraca, como que a gente faz isso aqui? É o seguinte, fizemos esse mural aqui e a gente é daqui, parceiro. A quadra é aqui, a nossa loja, o nosso instituto é aqui, mano. E aquela casa daquele senhor ali, daquele jeito ali, mano. E aí? eu voltava pra casa e falava, caramba, gente, lá com o meu pai, “pô pai fui lá na casa do Paulinho, a situação tá meio cabulosa, a gente consegue movimentar, você acha que a gente consegue?”. Aí foi o primeiro aqui, bora! A casa do Paulinho na sequência, né, que a gente conseguiu fazer, tipo assim, vários mutirões, muita gente... Teve mais gente de fora da comunidade, do que da comunidade ajudando. Isso mostrou também, eu falei um problema, eu falei, aí, mano, a gente precisa trabalhar aqui de dentro, as pessoas aqui de dentro, porque é o dia a dia, né, cara. Então, e aí, foi um marco nosso, porque tipo, o Brasil inteiro, a comunidade do skate inteiro, falou do bagulho, tá ligado? O bagulho foi tipo, a comunidade aqui, tipo, foi um... Foi... A gente fala no skate como NBD, Never Been Done. Nunca foi feito, tá ligado? Teve esse impacto, juntamente com o mural. Então foi um bagulho tipo, porque a galera é tão caraca, né?

P: É visível, né? Você vê as coisas funcionando. Porque falar e tudo mais, e aí você vê mesmo concretizada.

A: Exato. Concretizado. Teve esse, o dois... Po, ter viajado com mais de dez pra Barcelona, em 2018, pra comemorar cinco anos de Ademafia, pra uma galera que nunca tinha entrado no avião, uns sobreviventes, e uns aí, já foi preso, já foi morto e voltou. Ex tudo. Cara, foi sinistro também, porque tipo assim, cara, eu levei um cara que já tinha sido internado, preso, perdido casa, outro, mano, que uma galera que... não teria acesso, tá ligado? Pra outras pessoas que, tipo, às vezes, se achar que não consegue chegar, tá ligado? Tipo, ver o mano lá e assim, caraca, caraca, não, mano. Pelo menos sentia aquela vontade de ir daí, virar um movimento daquela pessoa, se ver em alguma coisa, tá ligado? Então, assim, galera simples mesmo, pouco acesso, pra viver o bagulho, entendeu? Esse foi um dos... acho que deixa esses três aí, porque... são muitos, assim, tá ligado? A gente acabou de fazer um, tem três, dois dias. E outro, há uma semana. E outro, há duas semanas.

E o outro, há um mês. Tá ligado? É uma constante. A gente já tem coisa programada, tá ligado? Pra girar agora.

P: É... eu até tenho uma pergunta também, sobre o futuro de vocês depois. Mas, vai: Quais são as principais dificuldades que o coletivo encontra na sua atuação? E, tipo, como vocês superam elas? Eu imagino que, por exemplo...

A: A grana com certeza, mas... É, o dinheiro com certeza, mas isso é óbvio, né?

P: Mas geralmente não é o único, assim, pra fazer as coisas.

A: Eu acho que, principalmente, experiência, sabe? Nós estamos aprendendo, né, fazendo...

P: Vocês são novos pra caramba também, né? Tipo...

A: É, somos, sim. Com certeza. É, fazer uma instituição... Tipo, o trabalho é isso, né? Nós somos jovens pra estar...

P: Cuidando de uma ONG, né?

A: É, mas... Eu acho que que é isso, né? Que, tipo... A gente acaba demorando o nosso processo de aprendizagem mesmo. Quando que se a gente tivesse grana a gente poderia contratar pessoas e expandir. Aí, da nossa forma, a gente tá buscando aprender e desenvolver e conectar outras pessoas, né? Colaboradores. Mas acho que a maior dificuldade é essa limitação que é de experiência mesmo, algumas coisas técnicas, sabe? Mas a gente sempre tá se inovando, sempre buscando, tá aprendendo. Sempre buscando, tá... Acho que... O nosso é inovação mesmo, sabe? A gente tá sempre buscando inovar. Porque é isso, né? Ser criativo pra isso. Acho que é o caminho que a gente consegue se manter, né?

P: E na parte do dinheiro, com esse obstáculo, vocês geralmente tendem a resolver como?

A: Inovando. Venda de produtos, eventos, oportunidades...

P: É, também, colaborador?

A: Colaboradores, redes... Mas é isso, tem concorrido em editais, coisa que a gente não conseguiu fazer no passado. Tá ligado? Até o ano passado, a gente não conseguiu se inscrever em tantos. Hoje a gente concorreu a mais e continua concorrendo. Temos mais tempo de estrada e de CNPJ e oportunidades que isso traz. É... Temos mais tempo de estrada e estamos sempre trabalhando e aprendendo, então estamos caminhando. Aprendemos principalmente, acho que desses três anos pra cá, o que mais tá dando oportunidade da gente crescer como instituição é principalmente a organização e a gente poder ter uma gestão que a gente consegue atuar em conjunto, sabe?

P: Mas, é... Existem organizações ou indivíduos específicos, assim marcas, que vocês atualmente colaboram, no sentido que recebem ajuda?

A: Kenner, eu fechei um contrato com a Kenner, assim, todas as notas que eu emito uma parte vai pra Ademafia, uma parte pra instituto. Todos os projetos que eu fecho uma parte vai pro instituto.

P: A Raquel conversou comigo também, ela falou que acho que desse projeto da Kenner, que toda vez que tem alguma coisa que chega a você como influenciador, como né, a pessoa pública, você traz a galera também para o instituto, tipo, calma aí, vamos ver também uma forma de trazer todo mundo.

A: Exato, é... tem exatamente isso, cara.

P: E aí a Kenner topou?

A: Exato!

P: De que forma, assim?

A: Financeiramente.

P: Os materiais, né?

A: Além dos materiais também, financeiramente, além dos materiais. Os materiais foi uma coisa que a gente conseguiu, mas além do financeiro e dos materiais teve o lance das oficinas, né? A gente fechou duas oficinas, a gente fez a primeira e vai ter a segunda. A primeira foi de fotografia, trouxeram a equipe deles e montaram... Isso foi uma das coisas que a gente propôs dentro desse contrato, eles assinaram e a gente também, aí foi isso. É uma expertise, né? É isso, então eu tô sempre me movimentando pra sempre esse movimento atrair atenção para os movimentos das outras coisas que a gente tá fazendo, porque a galera admira o que a gente faz, entendeu?

P: É, hoje em dia, assim, se pegar as marcas, tudo é cultura de rua, tá ligado? O skate, tudo hoje em dia, hip-hop, o rap, funk. Então assim... que vem da galera da comunidade, né? Então também tem que trazer...

A: Portfólio e tempo. A gente tem portfólio, ainda não tem o valor que merece, tá longe de ter, é maior luta, né? Pra tu ver, a gente com a visibilidade que tem a gente não tem uma marca de fato que chega e fala, “não, tamo junto”, tá ligado? Tem gente que colabora.

P: É, tem projetos, né?

A: Coisas pontuais, mas eu acredito, super acredito que uma hora ou outra...

P: E, você falou, né? Que vocês agora, estão começando a entrar nos editais, e tal. Existe, atualmente, alguma relação do Ademafia com alguma instituição pública ou, por exemplo, a prefeitura ou existe, sei lá?

A: Algum projeto da prefeitura junto com o Ademafia?

P: É, alguma coisa assim atualmente que seja realmente conectada ou, por exemplo, alguma ajuda com a ONG, assim, atualmente, não, né?

A: Não.

P: Estão começando com a questão digital, né?

A: É, e buscando oportunidades, emendas parlamentares, mas, nada certo.

P: Por exemplo, uma política governamental atual que vocês já escreveram, ou foram contemplados?

A: A gente tem um projeto de lei de incentivo aos esportes atual, atualizado. A gente tem esse projeto que pode fazer captação mas a gente não tem a empresa pra apresentar.

P: Sim, que já parte de fora da prefeitura e entra o lado das empresas, né?

A: É, mas da prefeitura a gente tem alguns editais que a gente se inscreveu, que ainda tá andando, mas não tem... a gente é independente.

P: Beleza, sobre o futuro do Ademafia, quais são suas expectativas e esperanças para não só o Ademafia, mas assim, a cultura de rua aqui na comunidade, sabe? De que forma você acha que ela pode crescer mais, o que você espera que tipo, lá no futuro, você espera que tenha muita gente, saiam vários artistas daqui do Santa Amaro... De que forma você acha que a cultura de rua pode ficar maior, mais forte aqui e espera que isso aconteça? E, a segunda pergunta, nessa mesma pergunta, seria qual o papel do Ademafia nesse futuro que você sonha, que você imagina?

A: Acho que é isso, né é poder trazer uma galera com uma experiência, né, e uma visão de mudança pra cá, né, porque quando isso se transformar numa ideia pra mais pessoas, principalmente pros jovens, isso em algum momento vira realidade, né, se torna realidade, então, acho que essa nova geração tá podendo sonhar com isso também, né, de tipo, uma comunidade com mais oportunidade pras pessoas daqui e principalmente que formem profissionais, né, acho que ter núcleo de informações aqui ou conexões com própria faculdade, cidade pública, sabe, tipo, crescer, se conectar politicamente também, sabe, ter aqui na comunidade daqui uns anos, a gente poder ter alguém de dentro da comunidade dentro de uma cadeira dessa que possa dar uma atenção melhor para as nossas necessidades aqui, tá ligado, ter força pra isso, ter força, ter força pra transformar mesmo, né, porque a

nova geração vai vir com diferente... Eu cresci aqui, né, com a visão pra... Eu só queria sair daqui, né, hoje eu volto, a gente tá fazendo essa reunião daqui, o nosso escritório, a minha casa. Essa casa aqui é minha, tipo, o meu primeiro imóvel, meu bem que eu adquiri, um corre que eu fiz fora, é uma casa aqui dentro da comunidade. E, porque a gente não vai conseguir resolver todos os problemas mas a gente vai conseguir mudar assim, o panorama geral, assim, principalmente de violência, né, coisa que já mudou desde que eu, né, desde que quando eu era moleque pra cá, o que tem possibilitado o crescimento das coisas aqui é a paz, né, então, é...

P: Facilita um pouco o trabalho de vocês, né?

A: Não, permite, entendeu? Essa molecada, essa galera né, a comunidade ter tipo assim.. A gente, o Santa Amaro ele é conectado hoje, atualmente, com o mundo, e, isso a gente precisa bater nessa tecla pra galera também entender né, e conseguir pegar essa visão global das coisas pra ação local, é isso.

P: E você acha que o papel do Ademafia é permitir isso, né?

A: Exato, é pegar em São Paulo a galera que nunca foi, pra Barcelona a galera que nunca foi, é, é isso.

P: Deixa eu ver a última pergunta... Ah, existe algum projeto ou iniciativa que você gostaria de destacar que está em planejamento, ou em andamento? Alguma coisa assim pra gente poder esperar

A: Um estúdio de tatuagem, uma escola de tatuagem aqui.

P: Um curso de formação em tatuagem?

A: Na verdade, vai ser de desenho para uma molecada nova, técnico, e aí depois a galera também vai ter acesso a um maquinário, a gente conseguiu uma parceria, todo o estudo, tudo que, todos os materiais a gente conseguiu de doação, vai vir tudo novo pra cá. É

uma parceria que eu fiz nessas viagens que eu faço. A gente vai estar então assim, Ademafia skate, música, tatu, tá ligado, agora. E, tem tudo a ver, né, porque é cultura, tá ligado?

P: É cultura de rua todinha, né?

A: Total, total, total. Isso é uma parada que eu estou muito feliz e a gente também vai colocar os computadores também nas nossas salas pra gente começar também pra fazer algo relacionado a audiovisual, começar a fazer algo mais formalizante com uma molecada que já tá se preparando pra entrar no mercado de trabalho, pensando nesse tipo de formação. Acho que são duas novidades, mas acho que quando sair isso aí já vai estar rodando.

P: É isso, fechamos.